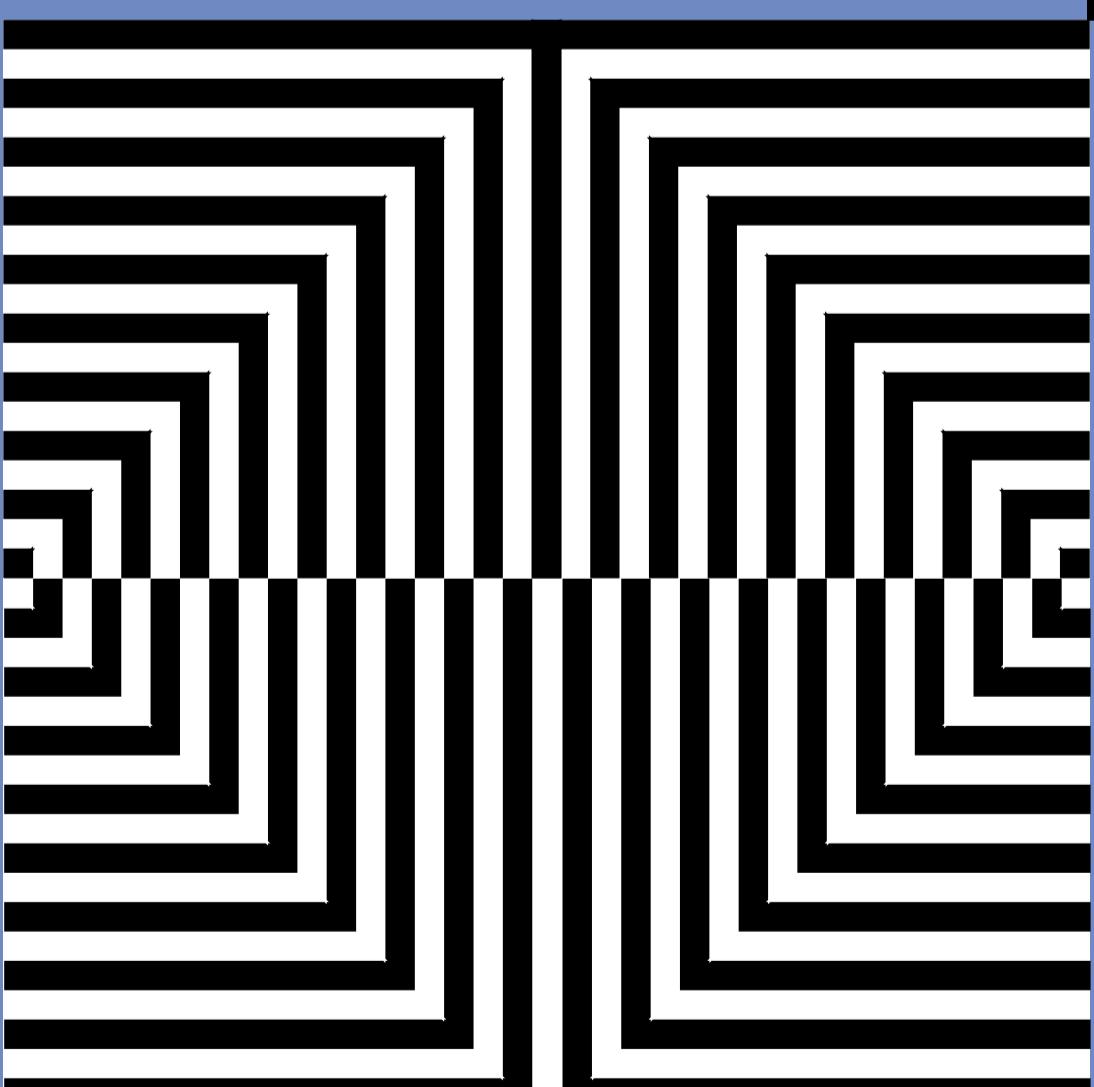




SACILOTTO

BIO
GRAFICO



Idealização, Pesquisa e Curadoria
Reinaldo Botelho

Cosmopolitismo pictórico

A linguagem pictórica geométrica joga com uma dupla e curiosa condição. Nela, os pontos, as linhas e as áreas de cor são e não são formas abstratas. Evidência disso pode ser encontrada na obra de Luiz Sacilotto (1924-2003), que assume tais elementos como *realidades em si mesmas*, mais do que depurações ou abstrações da realidade circundante. Essa vida interna da obra de arte, com visualidade que se pretende pura e autorreferente, é emblemática do modernismo paulista de meados do século XX, quando pesquisas visuais, em termos formais, se radicalizaram em países latino-americanos, particularmente em territórios que se industrializavam.

O ímpeto de adentrar a modernidade de uma vez por todas levou grupos de artistas, inspirados pelo construtivismo russo e pelo neoplasticismo holandês, a buscarem racionalizar os ambientes das grandes cidades. Assim, faziam das configurações plástico-geométricas desenvolvidas em suas oficinas instrumentos de harmonização da experiência na urbe, no sentido de ordená-la

e incrementá-la esteticamente. Daí as relações com a indústria e o *design* urbano. Nessa dinâmica, local e universal têm suas fronteiras diluídas, com o cosmopolitismo dando as cartas.

Sacilotto, sintonizado com as vanguardas internacionais e habitante perene do ABC paulista, encarnara exemplarmente a síntese entre local e global. A exposição *Sacilotto BioGráfico* destaca seus vínculos artísticos, sociais e culturais com a região. Ao mesmo tempo, estrutura a recepção de obras e conjuntos documentais representativos de diferentes momentos de uma trajetória que se confunde tanto com o percurso histórico desse enclave industrial como com o modernismo ocidental. Com isso, o Sesc reitera sua ação educativa comprometida com a historicidade artística e seus trânsitos geográficos, procurando estimular fertilizações culturais no presente e no território.

Luiz Deoclecio Massaro Galina
Diretor do Sesc São Paulo

SACILOTTO



BIO GRAFICO

Idealização,
Pesquisa e Curadoria
Reinaldo Botelho



Foto: Paulo Otavio

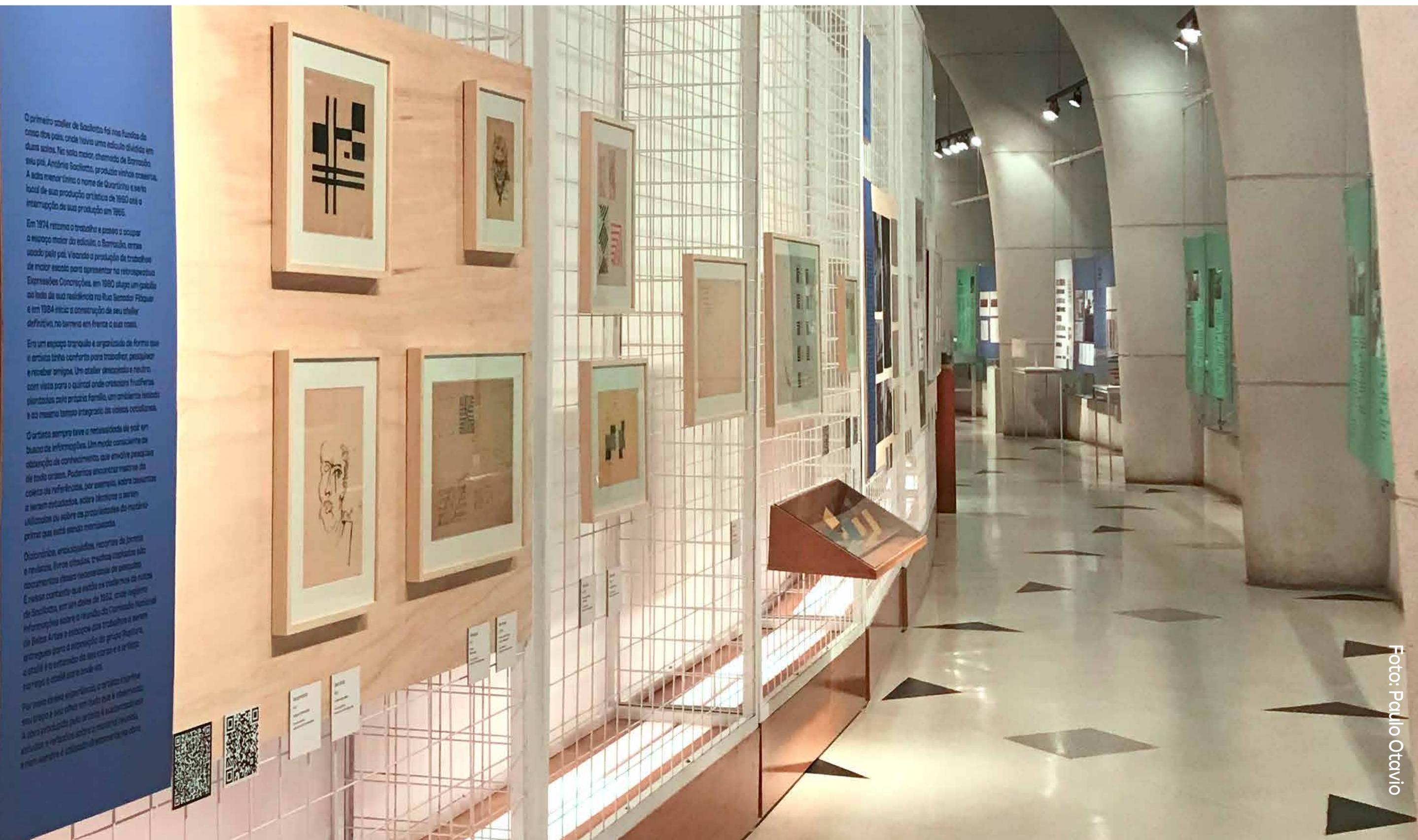


Foto: Paulo Otavio

SACILOTTO BIO GRAFICO

Em 2024 celebramos o centenário de Luiz Sacilotto (1924-2003), nascido em Santo André, personagem central, fundador e fundamental da arte concreta, da abstração geométrica e da *op art* no Brasil.

Signatário da abstração como um procedimento de análise, que pesquisa e reconhece o suporte como um novo espaço absoluto, autônomo, que se constrói não mais como representação e faz do espaço da tela, da estrutura, o espaço em si mesmo. Em seus trabalhos, Sacilotto compõe e organiza o plano com linhas, pontos, cores e formas e explora a ideia de movimento, concentração ou expansão, conceitos que são abstratos, mas que alcançam o status de concretos por meio dos materiais utilizados.

Atento às coincidências dos problemas matemáticos, à organização do espaço e à composição, radicaliza a síntese, usa a serialização e a repetição dos mesmos signos geométricos, criando uma ambivalência perspectivo-espacial que se abre para movimentos óptico-cinéticos. A operação contrasta e intercala cheios e vazios, positivo e negativo, imagem e fundo, côncavo e convexo, presença e ausência; explora novos campos e desdobra o plano no espaço.

A exposição Sacilotto BioGráfico apresentada pelo Sesc é formada por quatro núcleos interdependentes: cidade e espaço público, vida e obra, cores-timbres e atelier; que atravessam e organizam o conjunto. A maior parte são materiais artísticos, ferramentas e documentos de processo, isto é, itens coletados nas gavetas do artista, na oficina, nos cadernos e nos acervos de instituições museológicas.

Estudos, projetos, notas, cadernos, esboços, maquetes, objetos e fotografias são colocados lado a lado e indicam que Sacilotto parte de elementos básicos para, em seguida, aplicar cálculos,

elementos geométricos e pigmentação nas superfícies, em busca dos efeitos desejados. A aproximação desses registros facilita perceber aspectos da concepção criativa e assimilar os meios que convertem um pensamento em processo na materialidade, no artefato, na obra; o modo como se dá essa construção é o que nos interessa.

Examinando os diferentes documentos deixados por Sacilotto, procuramos compor um percurso que mostra pegadas de diferentes fases da produção, as histórias das obras e a rede do pensamento do artista sempre em movimento, em que cada proposição anterior vai alimentar a seguinte, a partir das quais estabelece o fazer criativo, até a obra trazida a público.

O atelier de Sacilotto é a viga mestra que estrutura a exposição, a importância desse espaço para o trabalho e pesquisa do artista é manifesta, sendo o local onde a criatividade é estimulada e a produção artística ganha vida. Funciona como uma oficina de práticas, como um universo de experimentação, inovação, formação, colaboração e troca cultural, nele o artista explora a técnica como ferramenta de investigação e processo de aprendizagem, discurso e maneira de pensar. No âmbito desse artista, o faber, a estrutura, a materialidade não se opõem à imaginação, à invenção e à contemplação dos processos criativos, ao contrário, o homo faber atua como artífice aliado do homo ludens.

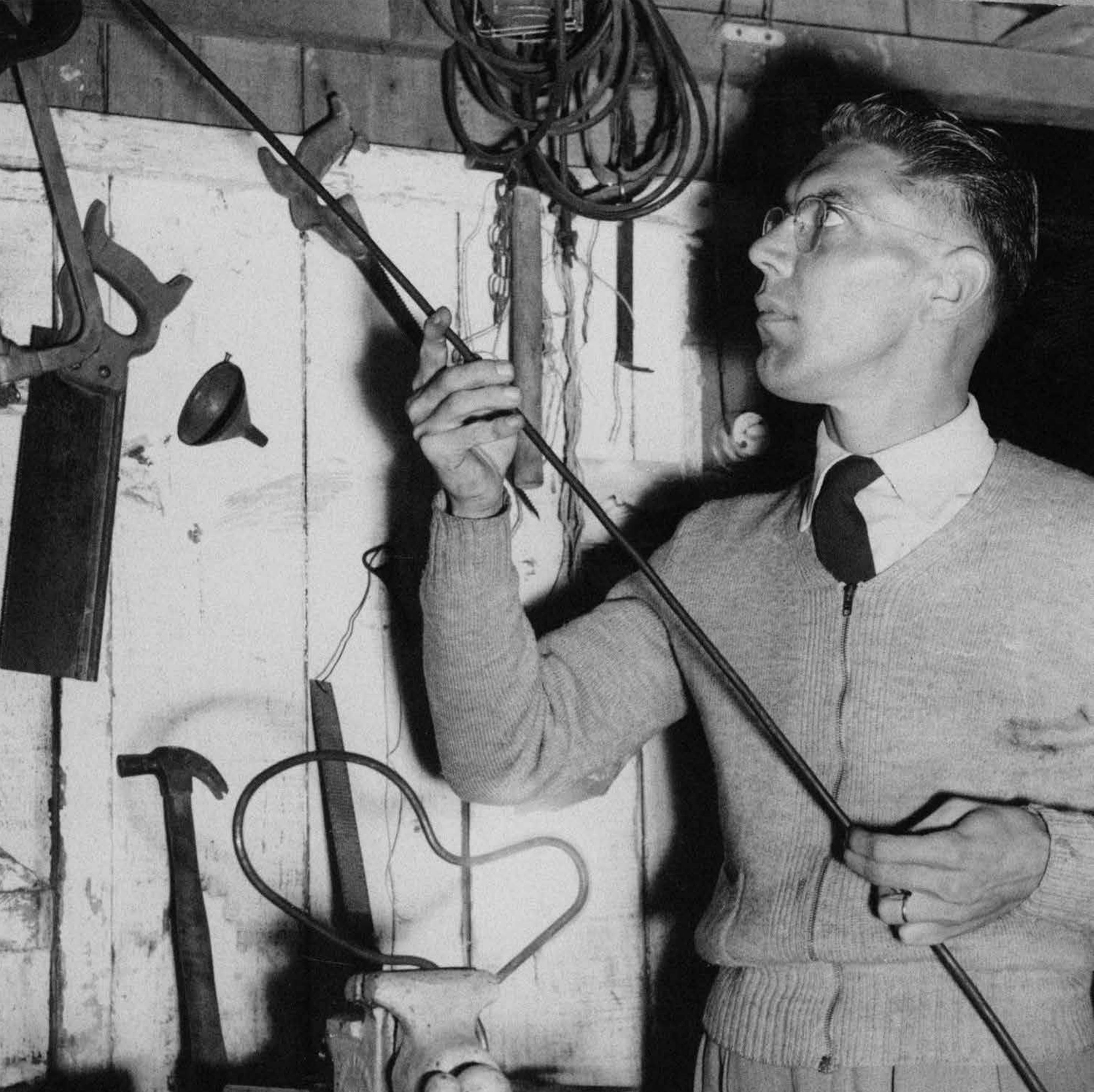
Homem de ofício e formação técnica, foi desenhista de letra de alta precisão para a indústria gráfica e do escritório de arquitetura de Jacob Ruchti e Vilanova Artigas, além de executar projetos de esquadrias de alumínio para produção em escala industrial. Decorre daí a virtude do método, a expressão do homo faber; todavia, para Sacilotto a técnica não é opressora; se é bem utilizada, torna-se positiva e emancipadora numa dimensão humanista, que é muito bonita.

Trabalhava com — ferro, esmalte, alumínio, latão e madeira —, materiais comuns do universo da durabilidade, utilizados tanto pela cultura artesanal, quanto na produção industrial. Viveu numa cidade operária, entendia a relação entre arte e indústria, e que a reproduzibilidade na arte e o fim do objeto único poderiam alcançar um número maior de pessoas. Coerente, criou e desenvolveu um conjunto de obras públicas e institucionais, destacando seu interesse pelo espaço público, urbanismo e cidade, seja introduzindo mudanças na paisagem com a implantação de esculturas, seja dando centralidade a temas como patrimônio, memória e arquitetura, com o entendimento e o compromisso de quem acredita na cultura como agente de transformação social.

Entusiasta das outras manifestações artísticas e disciplinas humanistas, Sacilotto sempre trouxe consigo um interesse transdisciplinar: amante da música, da poesia, da literatura, da arquitetura; pesquisador da matemática, física, eletrônica, robótica; e estudioso da fenomenologia, pedagogia e sociologia.

Alicerçado em sua pesquisa, Luiz Sacilotto abriu e percutiu pontos de vista para o desenvolvimento e coesão do conjunto de sua obra, um código que harmoniza sua poética visual, inaugura horizontes estéticos que influenciam outros artistas, e hoje a ressonância de suas proposições atualiza o debate sobre arte contemporânea.

Reinaldo Botelho
Curador

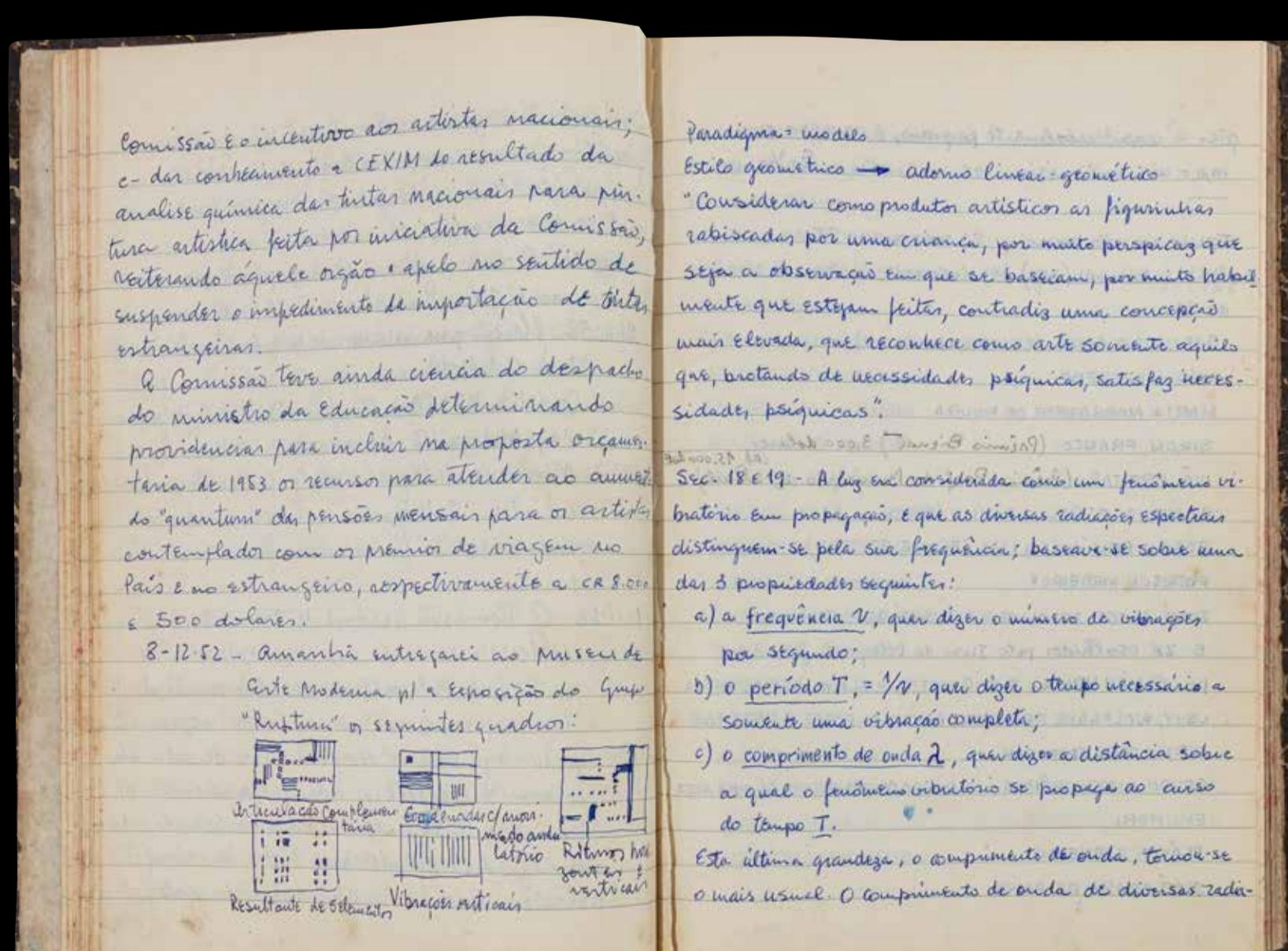


Sacilotto em
sua oficina
1952

Anotações do artista
e croquis para trabalhos
da exposição do
Grupo Ruptura.

1952

Família Sacilotto



Atelier

O primeiro atelier de Sacilotto foi nos fundos da casa dos pais, onde havia uma edícula dividida em duas salas. Na sala maior, chamada de Barracão, seu pai, Antônio Sacilotto, produzia vinhos caseiros. A sala menor tinha o nome de Quartinho e seria local de sua produção artística de 1950 até a interrupção de sua produção em 1965.

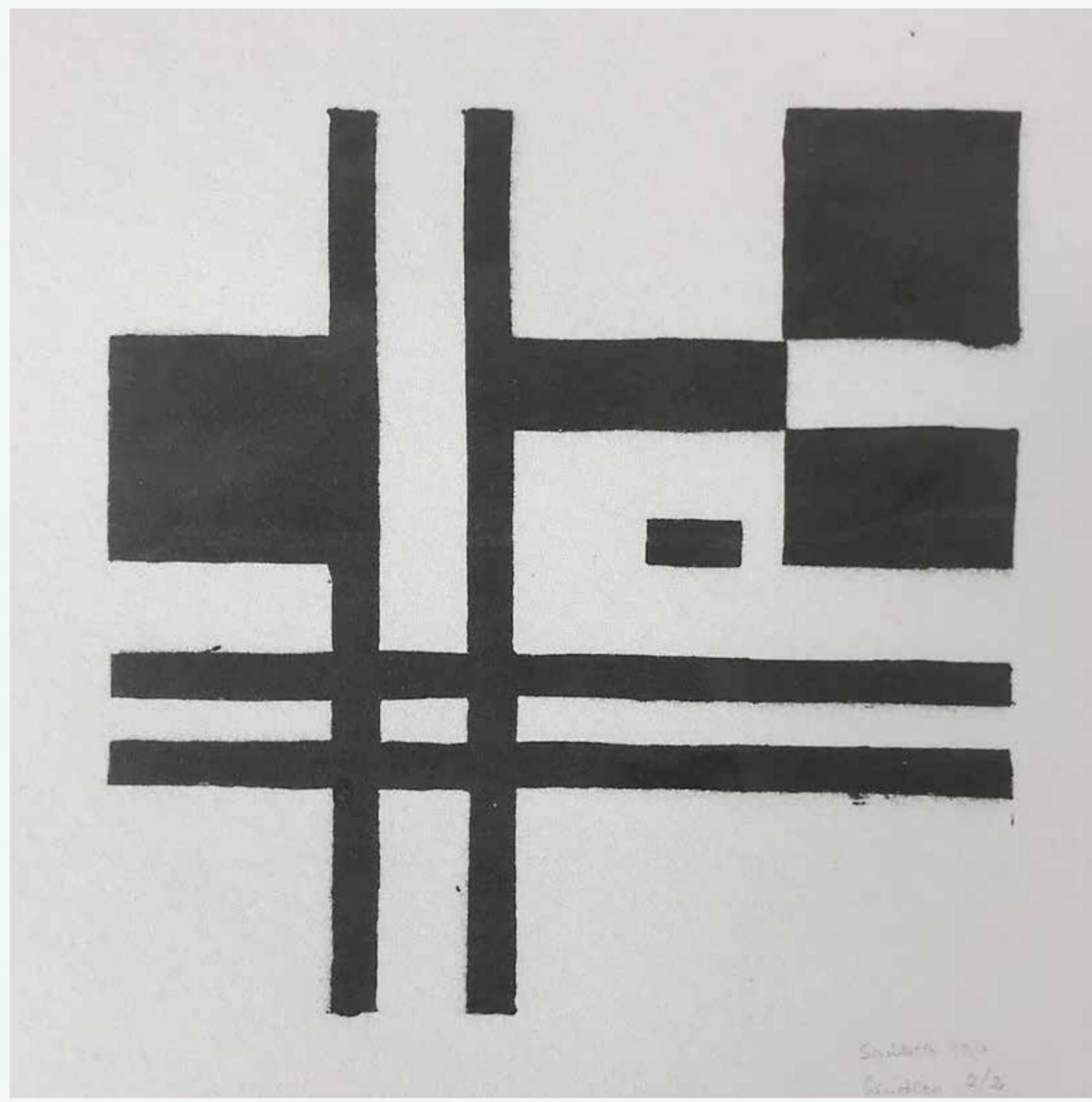
Em 1974 retoma o trabalho e passa a ocupar o espaço maior da edícula, o Barracão, antes usado pelo pai. Visando a produção de trabalhos de maior escala para apresentar na retrospectiva Expressões Concreções, em 1980 aluga um galpão ao lado de sua residência na Rua Senador Fláquer e em 1984 inicia a construção de seu atelier definitivo, no terreno em frente a sua casa.

Era um espaço tranquilo e organizado de forma que o artista tinha conforto para trabalhar, pesquisar e receber amigos. Um atelier despojado e neutro, com vista para o quintal onde cresciam frutíferas plantadas pela própria família, um ambiente isolado e ao mesmo tempo integrado às coisas cotidianas.

O artista sempre teve a necessidade de sair em busca de informações. Um modo consciente de obtenção de conhecimento, que envolve pesquisa de toda ordem. Podemos encontrar rastros da coleta de referências, por exemplo, sobre assuntos a serem estudados, sobre técnicas a serem utilizadas ou sobre as propriedades da matéria-prima que está sendo manuseada.

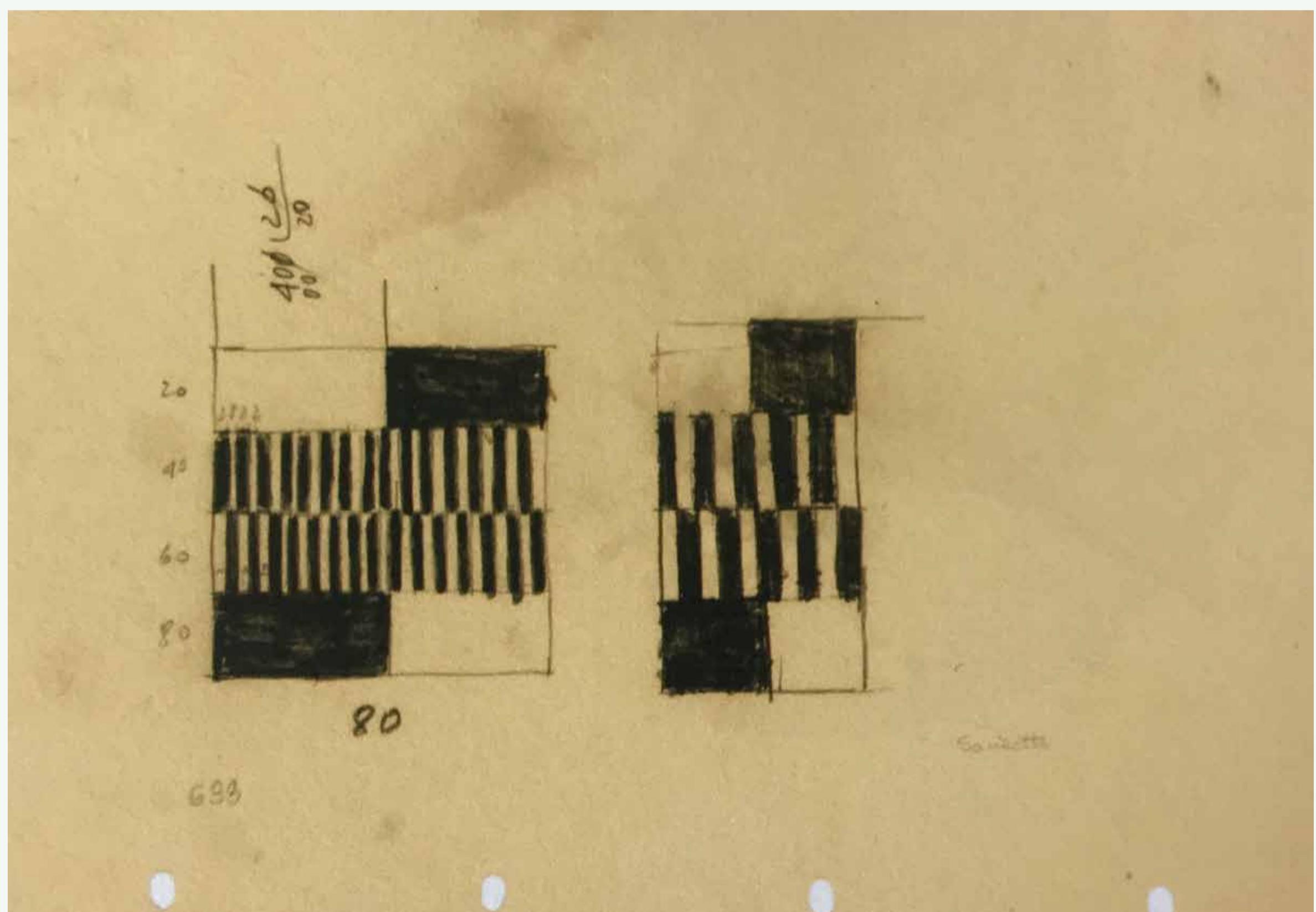
Dicionários, encyclopédias, recortes de jornais e revistas, livros citados, trechos copiados são documentos dessa necessidade de pesquisa. É nesse contexto que estão os cadernos de notas de Sacilotto, em um deles de 1952, onde registra informações sobre a reunião da Comissão Nacional de Belas Artes e esboços dos trabalhos a serem entregues para a exposição do grupo Ruptura, o ateliê é a extensão do seu corpo e o artista carrega o ateliê para onde vai.

Por meio dessa experiência, o artista imprime seu traço e seu olhar em tudo que é observado. A obra produzida pelo artista é sustentada por estudos e reflexões sobre o material reunido, e nem sempre é utilizado diretamente na obra.

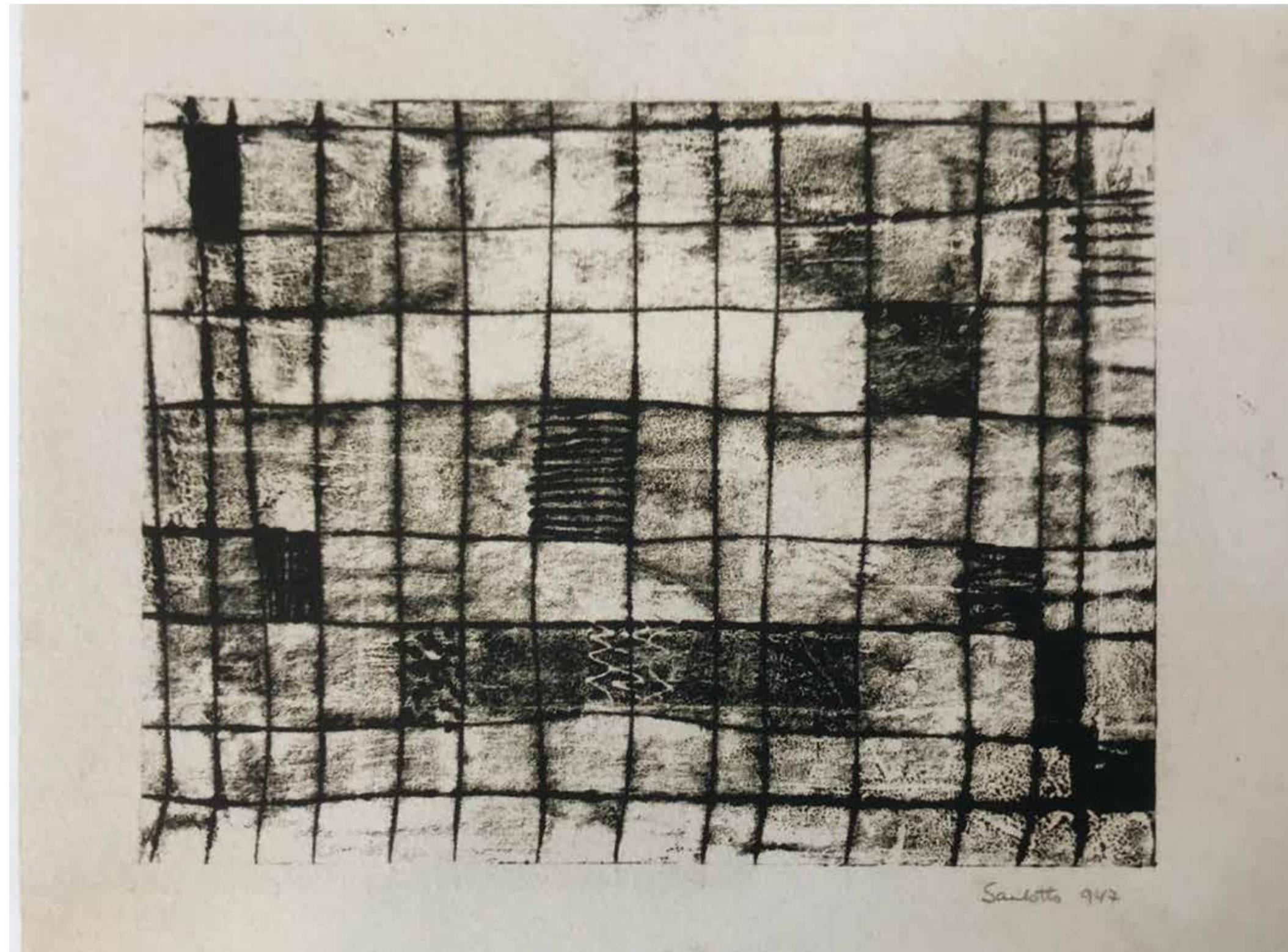


Sem título
1950

Sem título
1950
Linóleo sobre papel
27 x 26,6 cm
Fundo Arquivístico
Instituto de Arte Contemporânea



Estudo
déc. 1950
Grafite sobre papel
22,3 x 32,6 cm
Fundo Arquivístico
Instituto de Arte Contemporânea



O artista
desenhando
em seu primeiro
atelier, 1952
Família Sacilotto

Construção
1947
Monotipia sobre papel
24 x 32,9 cm
Fundo Arquivístico
Instituto de Arte Contemporânea

Cores-timbres

O objetivo desse núcleo é mostrar como Sacilotto contrapõe cheios e vazios, fundo e suporte, côncavo e convexo, presença e ausência, positivo e negativo em composições geométricas que ganham pigmentos coloridos para destacar ou suavizar a simetria entre as formas. O artista possui um cuidado especial com o estudo das cores, que o levou a criar fórmulas e soluções para desenvolver seus próprios pigmentos, ordenando os tons de forma metódica e obsessiva.

Os materiais catalogados incluem tinta a óleo e acrílica, aquarelas, lápis e pigmentos, organizados em fichas com as proporções de cada ingrediente e produtos utilizados. Cada pigmento é posteriormente aplicado ao papel formando uma tabela com matizes que partem do branco, avançam para tons amarelos, laranja e vermelhos e progridem para uma diversidade de mais de 300 outras cores, classificadas e numeradas, e incluem desde terras de Siena e Kassel até azuis e verdes de jazidas de Minas Gerais.

Esse fluxo de cores tem a mesma hierarquia entre as formas geométricas pintadas. A cor vale por si, e não em relação a uma sintaxe e leva o trânsito colorístico a uma escala cromática sincrônica. Essa harmonia cromática das pinturas de Sacilotto funciona como um acorde musical, mesclando tonalidades que reverberam cores-timbres e oferece uma experiência sinestésica, que excede o campo da visão.

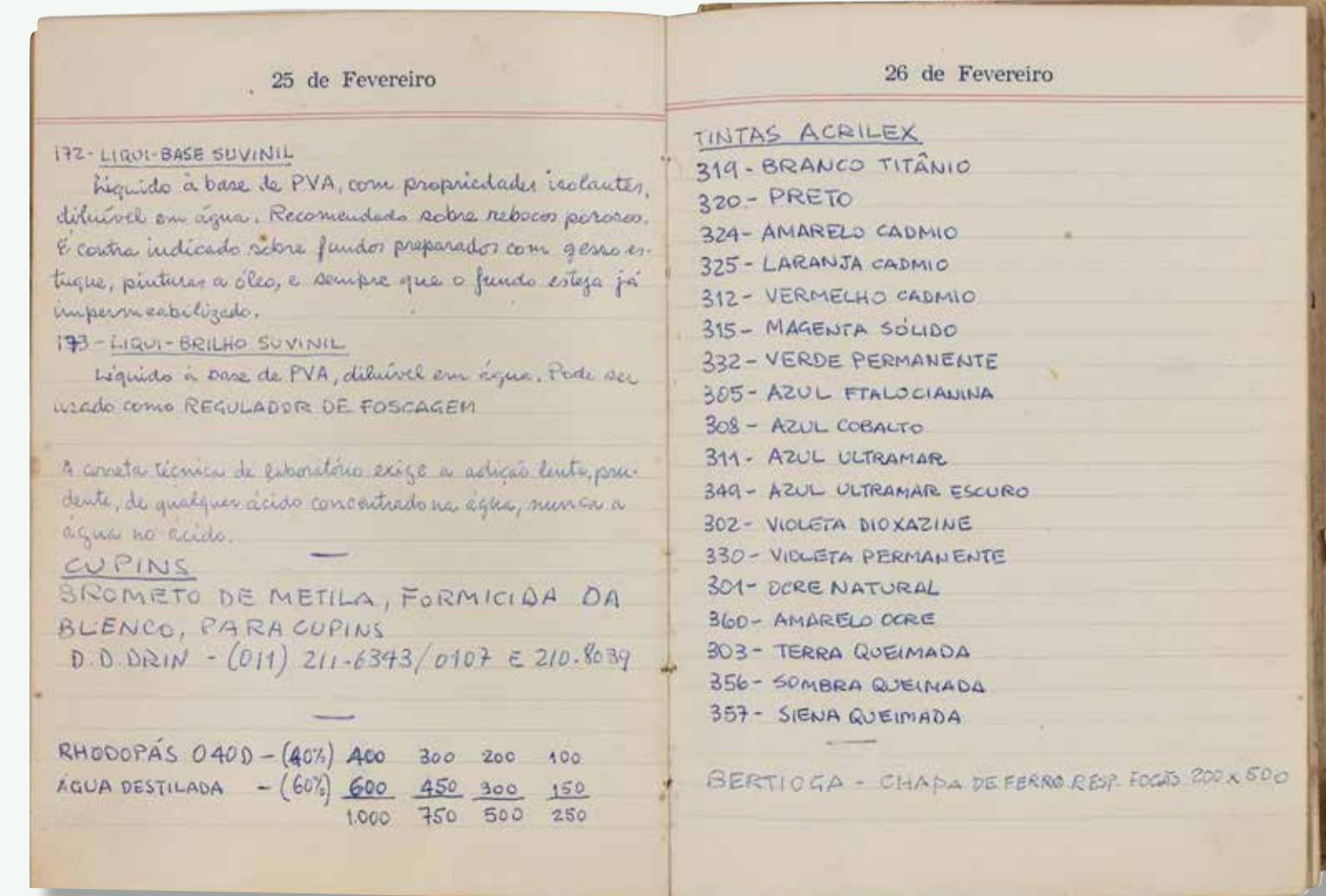
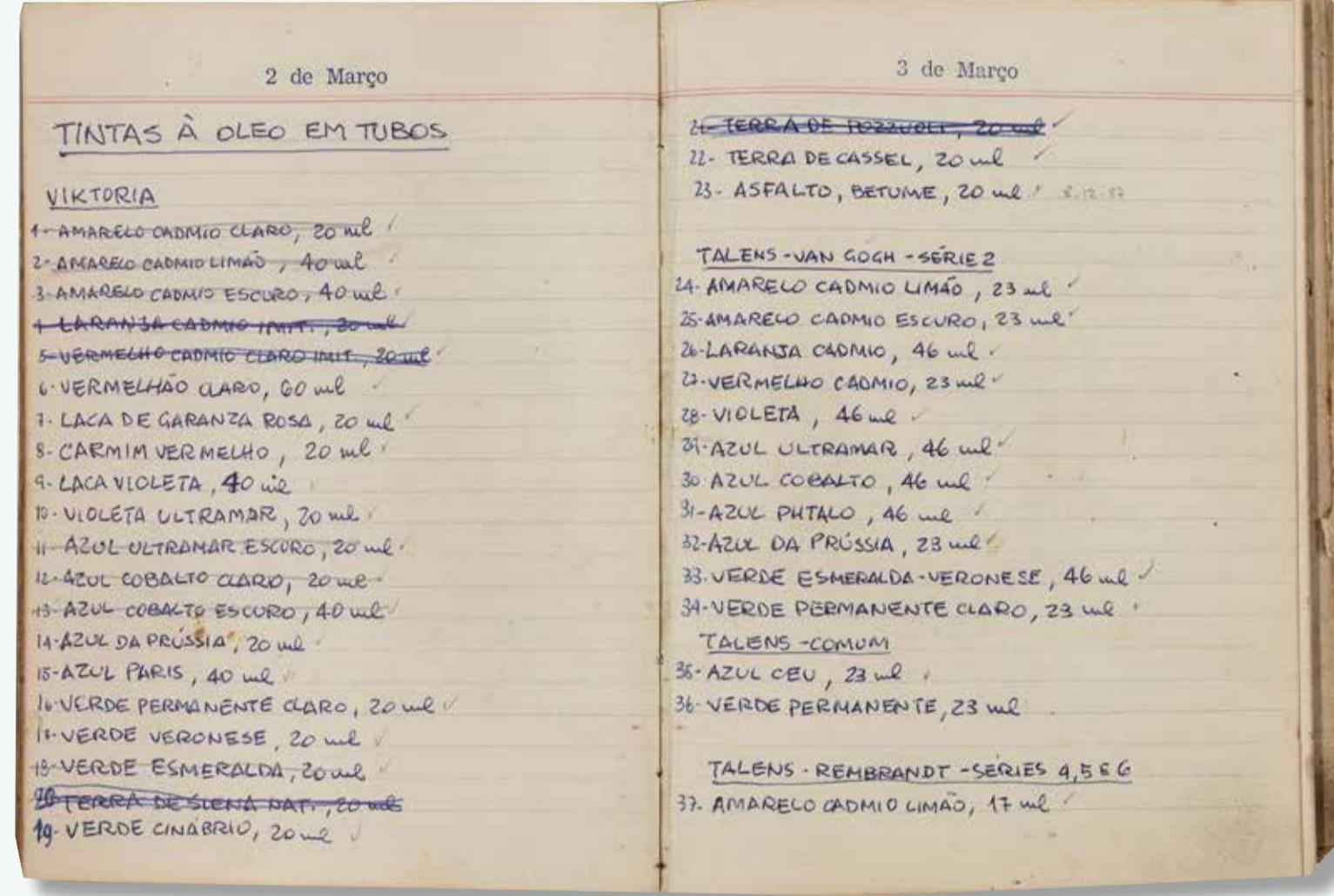
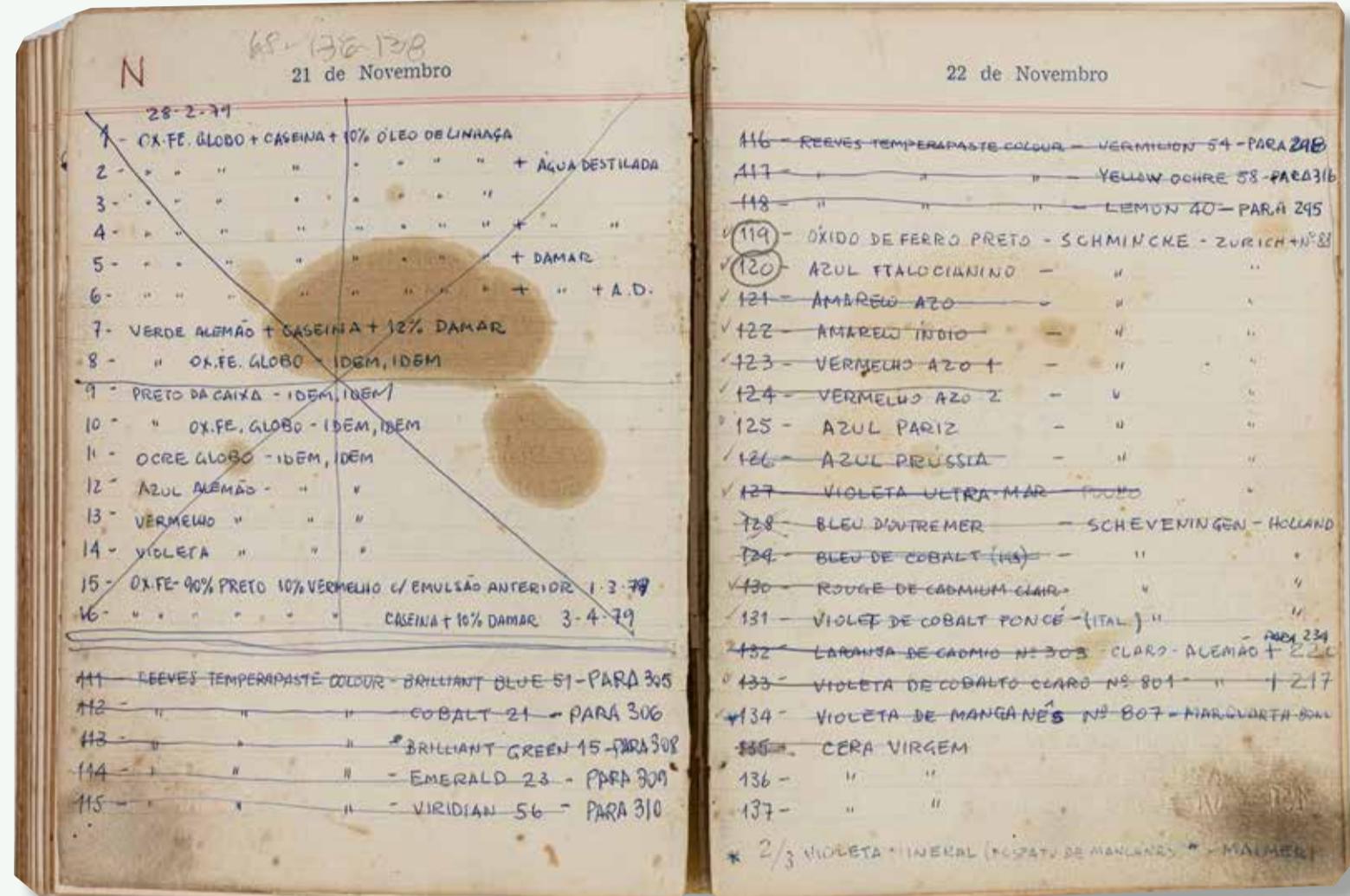
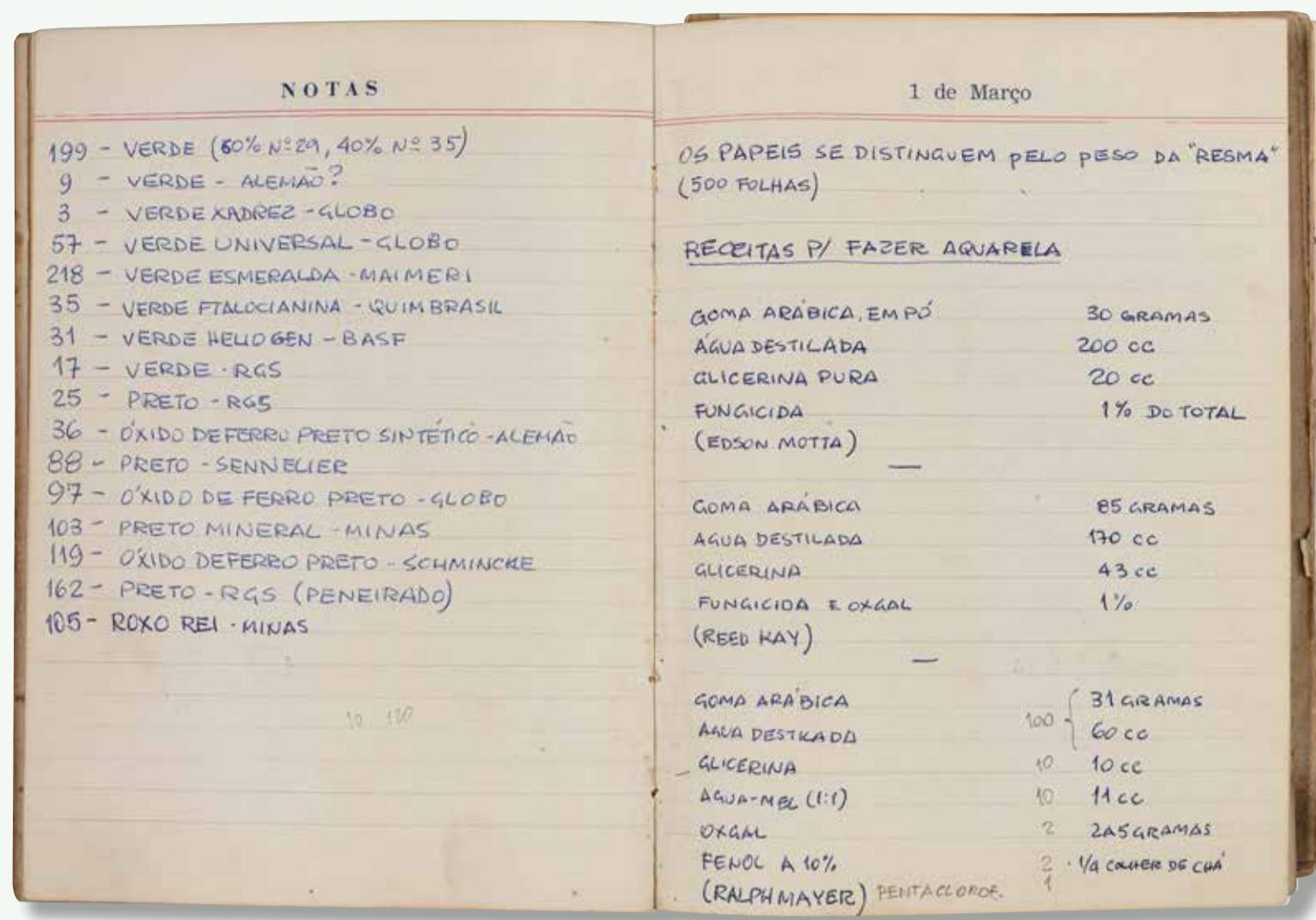
O título desse núcleo faz referência à palavra alemã *Klangfarbenmelodie* que nomeia a técnica musical inaugurada por Arnold Schoenberg em 1911, integrante do movimento da Segunda Escola de Viena; traduzida no Brasil no conceito da “melodia de timbres”, pelo poeta concreto Augusto de Campos, quem desenvolveu *Poetamenos*, uma série de seis poemas plurilíngues e policromáticos publicados a partir de 1952-53, que foram inspirados na pintura de Sacilotto *Ritmos Sucessivos*, de 1952, a obra empreende concisão formal e dialética no sistema combinatório entre nuances e valores colorísticos, a partir das “cores-cabides” que enfatizam o trabalho com cores básicas: preto, vermelho e azul, sempre sobre branco.

Sacilotto preparando
pigmento em galpão na
mesma rua em que morava,
Senador Fláquer, 364

1980

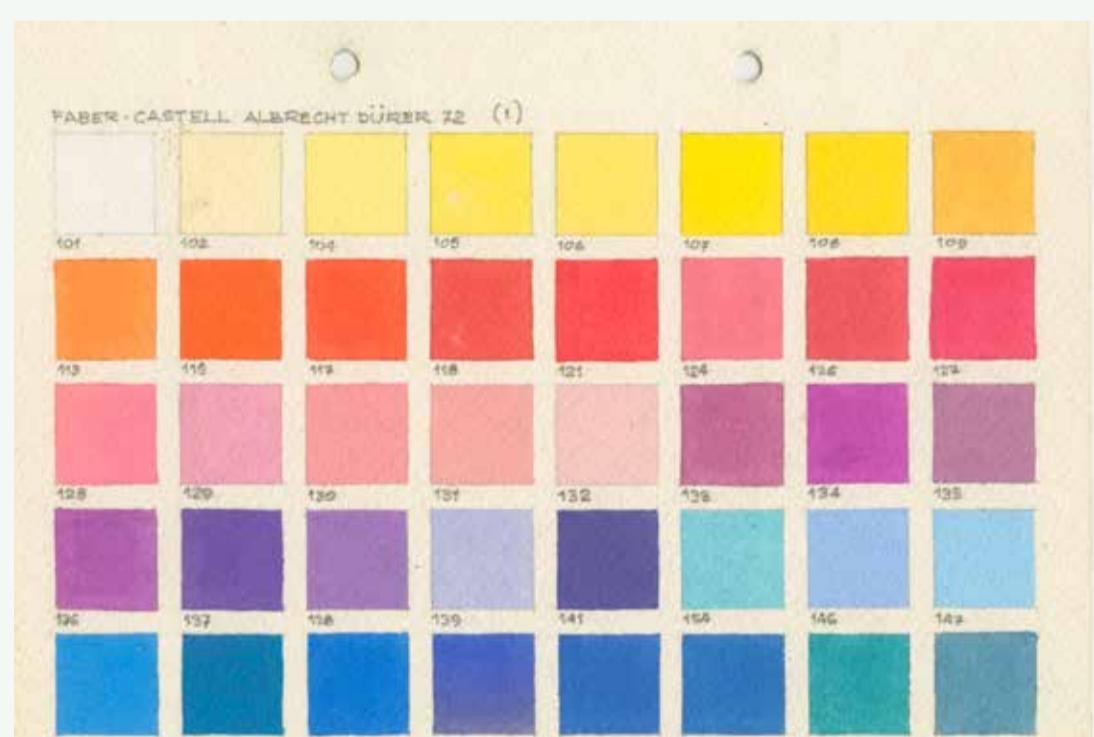
Família Sacilotto





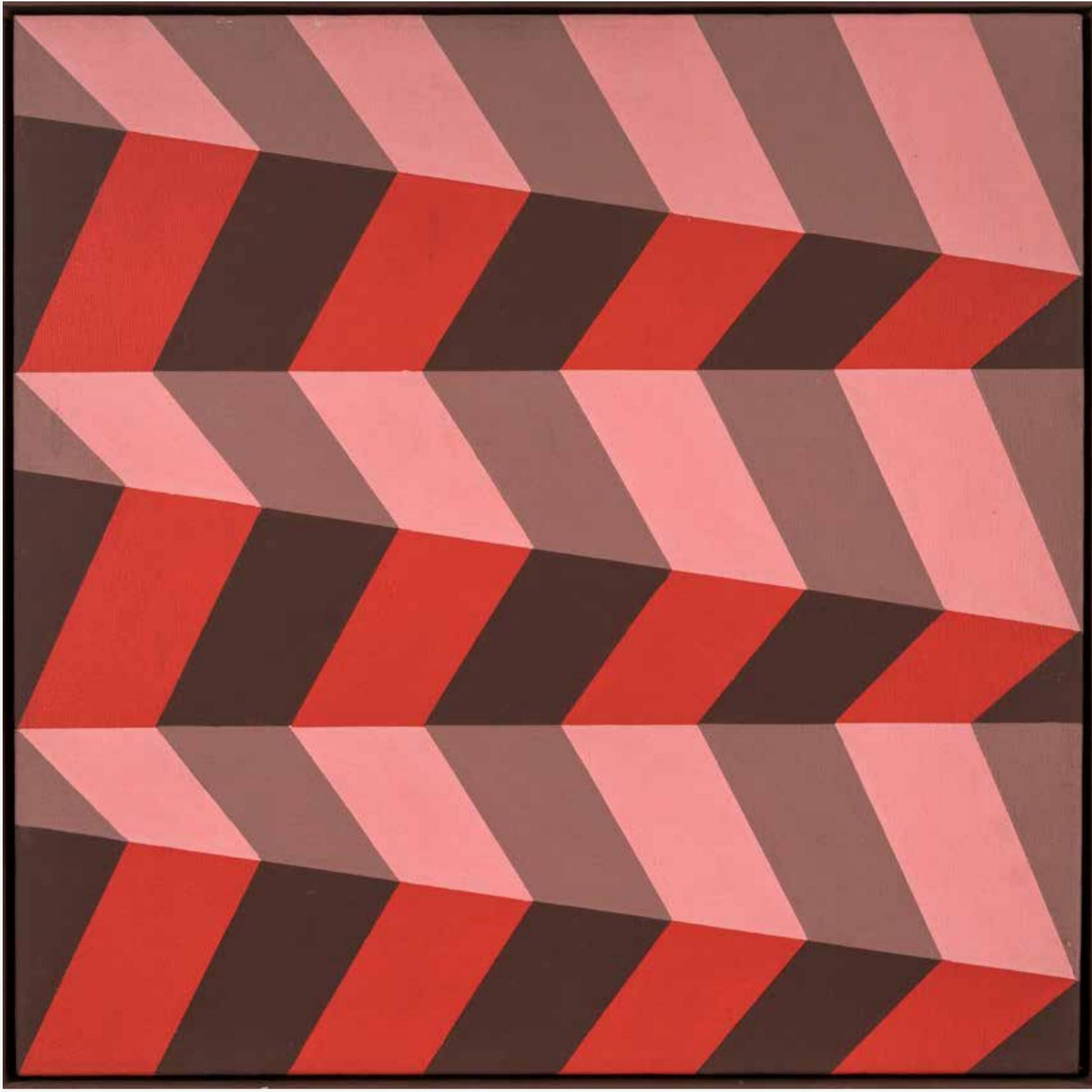
Anotações do artista para
preparação das fórmulas
de aquarela, marcações
de cores, tintas à óleo em
tubos, lista de tintas Acrilex

Família Sacilotto



Pigmentos e
tabelas de cores
produzidos
pelo artista

Família Sacilotto



C 9962

1996

Acrílica sobre tela

50x50 cm

Acervo: Casa do Olhar Luiz Sacilotto

Foto: Sérgio Guerini

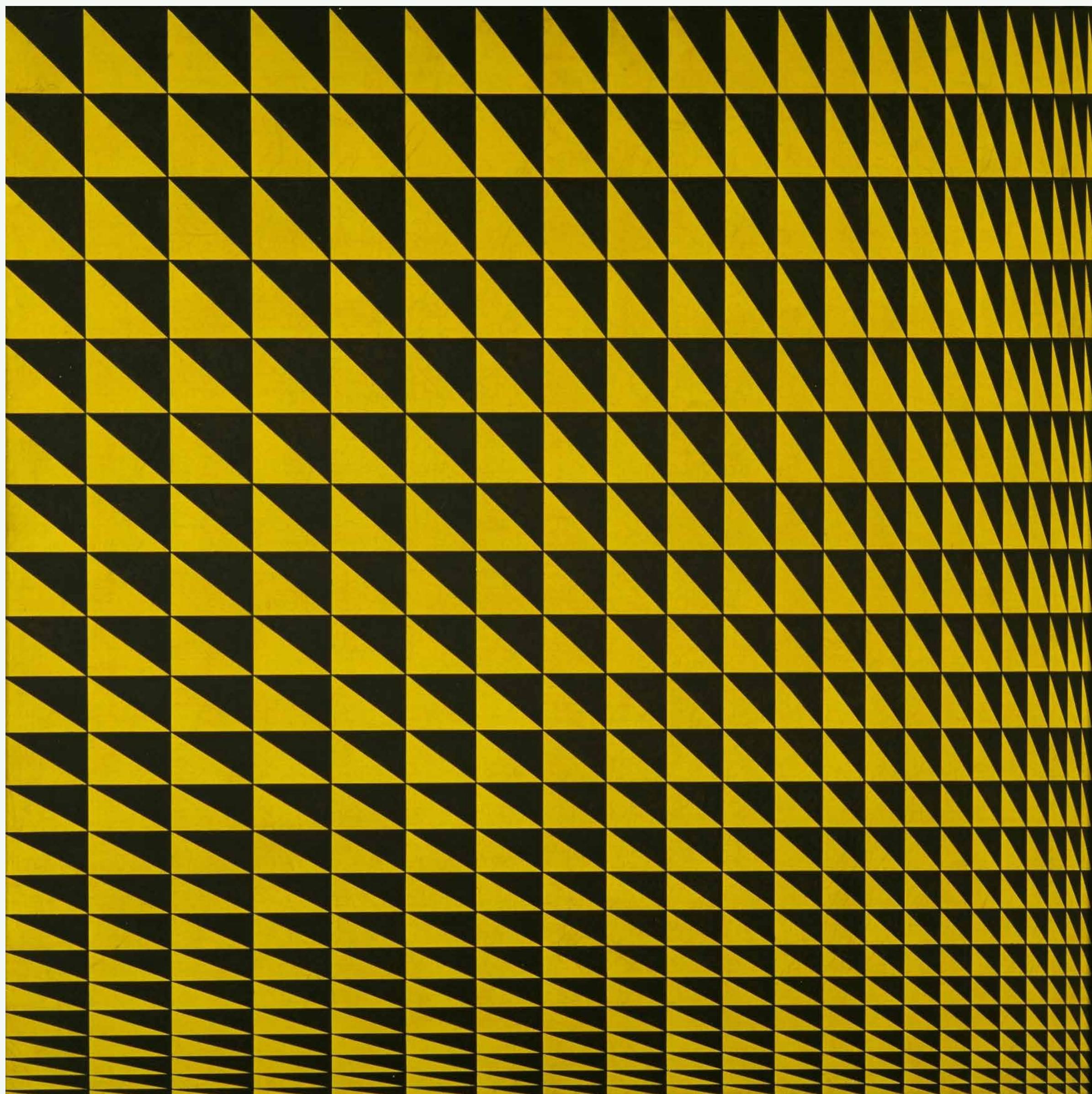
Sem título

1992

Serigrafia sobre papel

45x75cm

Acervo Casa do Olhar Luiz Sacilotto



Concreção 8083
1980
Têmpera vinílica sobre tela
60x60cm
Acervo Pinacoteca de
São Bernardo do Campo
Foto: David Rego Junior



Sacilotto preparando
pigmento em galpão
na mesma rua em
que morava,
Senador Fláquer, 364
1980

Família Sacilotto

ruptura

charroux — cordeiro — de barros — fejer — haar — sacilotto — wladyslaw

a arte antiga foi grande, quando foi inteligente.
contudo, a nossa inteligência não pode ser a de Leonardo.
a história deu um salto qualitativo:

não há mais continuidade!

então nós distinguimos

- os que criam formas novas de princípios velhos.
- os que criam formas novas de princípios novos.

por que?

o naturalismo científico da renascença — o método para representar o mundo exterior (três dimensões) sobre um plano (duas dimensões) — esgotou a sua tarefa histórica.

foi a crise

foi a renovação

hoje o novo pode ser diferenciado
precisamente do velho. nós rompe-
mos com o velho por isto afirmamos:

é o velho

- tôdas as variedades e hibridações do naturalismo;
- a mera negação do naturalismo, isto é, o naturalismo "errado" das crianças, dos loucos, dos "primitivos" dos expressionistas, dos surrealistas, etc. . . . ;
- o não-figurativismo hedonista, produto do gôsto gratuito, que busca a mera excitação do prazer ou do desprazer.

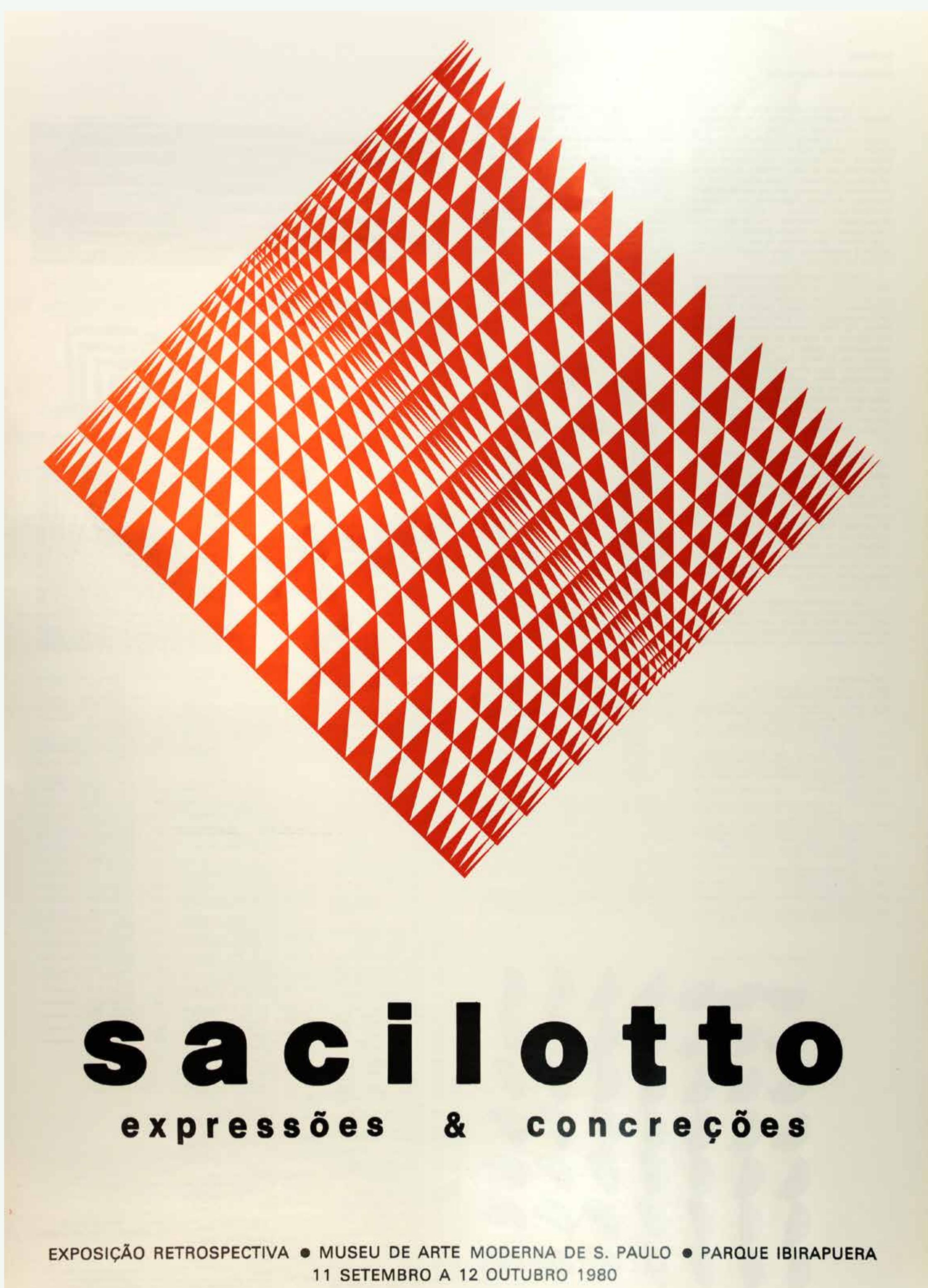
é o novo

- as expressões baseadas nos novos princípios artísticos;
- tôdas as experiências que tendem à renovação dos valores essenciais da arte visual (espaço-tempo, movimento, e matéria);
- a intuição artística dotada de princípios claros e inteligentes e de grandes possibilidades de desenvolvimento prático;
- conferir à arte um lugar definido no quadro do trabalho espiritual contemporâneo, considerando-a um meio de conhecimento deduzível de conceitos, situando-a acima da opinião, exigindo para o seu juizo conhecimento prévio.

arte moderna não é ignorância, nós somos contra a ignorância.

Manifesto do
Grupo Ruptura
1952

Família Sacilotto



Cartaz da exposição
retrospectiva do artista
no Museu de Arte Moderna
de São Paulo

1980

Impressão offset
sobre papel

Fundo Arquivístico
Instituto de Arte Contemporânea

19 de Fevereiro

A-6-81

VIDRO A
DOWICIDE A 35 GRAMAS
AGUA DEST. 10 " 105 GRAMAS

VIDRO B
DOWICIDE A 107 GRAMAS
AGUA DEST. 214 " 321 GRAMAS

VIDRO C
NÃO DEU CERTO
PENTACLOROFENOL 107 GRAMAS
AGUA DESTILADA 214 " 321 GRAMAS

(HERZIG) PENTACLOROFENOL 50 gramas
ALCOOL 96 GL 60 " 110 GRAMAS

CADA GOTTA DE PENTACLOROFENOL PESA 24 MILIGRAMAS.
S. ROTA DE CASA 10.000 gramas.

20 de Fevereiro

BROCAS PARA MOLDURAS APARAFUSADAS
FURO Ø 2.7
ESCARIADO Ø 5/16" Ø 11/64" Ø 3/16"

FALTA AMOSTRA FIG. N°5, 20, 95 E N°102.

RECIPIENTE PEQUENO DE PLÁSTICO: 60 GRAMAS
" GRANDE " : 77 "

VERNIZ DAMAR PARA TÉMPERA (1:2)
RESINA DAMAR 100 gr.
TEREBINTINA 200 cc

VERNIZ DAMAR PARA ACABAMENTO (1:3)
RESINA DAMAR 100 gr.
TEREBINTINA 300 cc

ESTAÇÕES
VERÃO 22.12
OUTONO 20.3
INVERNO 21.6
PRIMAVERA 23.9

8 de Março

PARA LAVAR PIGMENTOS

- 1 - COLOCAR O PIGMENTO NUM RECIPIENTE CHEIO DE ÁGUA PURA, REMEXER-LA E DEIXAR REPOZAR; EM SEGUIDA JOGAR FORA AS IMPUREZAS QUE ESTIVEREM FLUTUANDO.
- 2 - REMEXER AINDA AFIM DE QUE CADA PARCÍCULA DE PIGMENTO SEJA DISSOLVIDA E DEIXAR REPONDER NOVAMENTE O LÍQUIDO POR MEIO MINUTO, DEPOIS SE DECANTA NUM OUTRO RECIPIENTE JUGANDO FORA O FUNDO ONDE FORAM DEPOSITADAS AS IMPUREZAS MAIS PESADAS.
- 3 - NO NOVO RECIPIENTE JUNTA-SE OUTRA ÁGUA, MESES, AGITA-SE AINDA E DEIXA-SE REPONDER PARA FAZER DEPOSITAR AS PARTES MAIS PESADAS E PASSA-SE O FLUIDO COLORIDO E ASSIM POR DIANTE, EM SEGUIDA REPETINDO A OPERAÇÃO SEIS OU SETE VEZES, PORQUE O PIGMENTO QUANTO MAIS SELVA, MAIS PURIFICADO E SE AFINA.
- 4 - ASSIM PURIFICADO O PIGMENTO DEVE-SE ENXIGÁ-LO DEIXANDO-O SOBRE UMA PEDRA DE MARMORE E ASSIM ESTARÁ PRONTO PARA MORGEM OU PENEIRAR-LO.

9 de Março

PARA FABRICAR TINTA À ÓLEO

- ① ESTABILIZADOR
ÓLEO DE LINHAGA - 207 ml (200 ml)
CERA DE ABELHA BRANCA - 28 gr. (27 gr.)
TRITURAR ACERA E DISSOLVER-LA EM BANHO-MARIA
- ② PARA AMASSAR OS PIGMENTOS
ÓLEO DE LINHAGA ESTAB. ① - 236 ml (233 ml)
ÓLEO DE LINHAGA - 709 ml (700 ml)
- ③ MEDIUM - PARA DISSOLVER A TINTA
ÓLEO DE LINHAGA ST - 2 PARTES
VERNIZ DAMAR - 1 PARTE
TEREBINTINA - 6 PARTES

ENVELOPES (SACOS) PLÁSTICOS 40x26
PESO - 17 GRAMAS CADA

9 de Fevereiro

SISTEMA MÉTRICO

LONGITUDE
1 milímetro = 0,001 metro (mm)
1 centímetro = 0,01 " (cm)
1 decímetro = 0,1 "
1 metro = 1,00 "
1 decâmetro = 10,00 metros
1 hectômetro = 100,00 "
1 quilômetro = 1.000,00 "

PESO
1 miligrama = 0,001 grm.
1 centigramo = 0,01 "
1 decigramo = 0,1 "
1 grama = 1 "
1 decagrama = 10 grmas.
1 hectograma = 100 "
1 quilograma = 1.000 "

VERNIZ DAMAR
DAMAR
5 LIBRAS - 6 1/4 ONGAS - (177 gr.) + 300 cc. TEREBOINTINA
6 1/2 " - 8 1/4 " (234 ") + " "
8 " - 10 " (283 ") + " "

ACONSELHADA PARA EMULSÕES A CONCENTRAÇÃO
DE 6 1/2 LIBRAS (Ralph Mayer pg. 158).

CERA DE ABELHA BRANCA

QUEROSENE OU TEREBOINTINA 150 gr.
CERA DE ABELHA BRANCA 100 "
DISSOLVER EM BANHO-MARIA

168

10 de Fevereiro

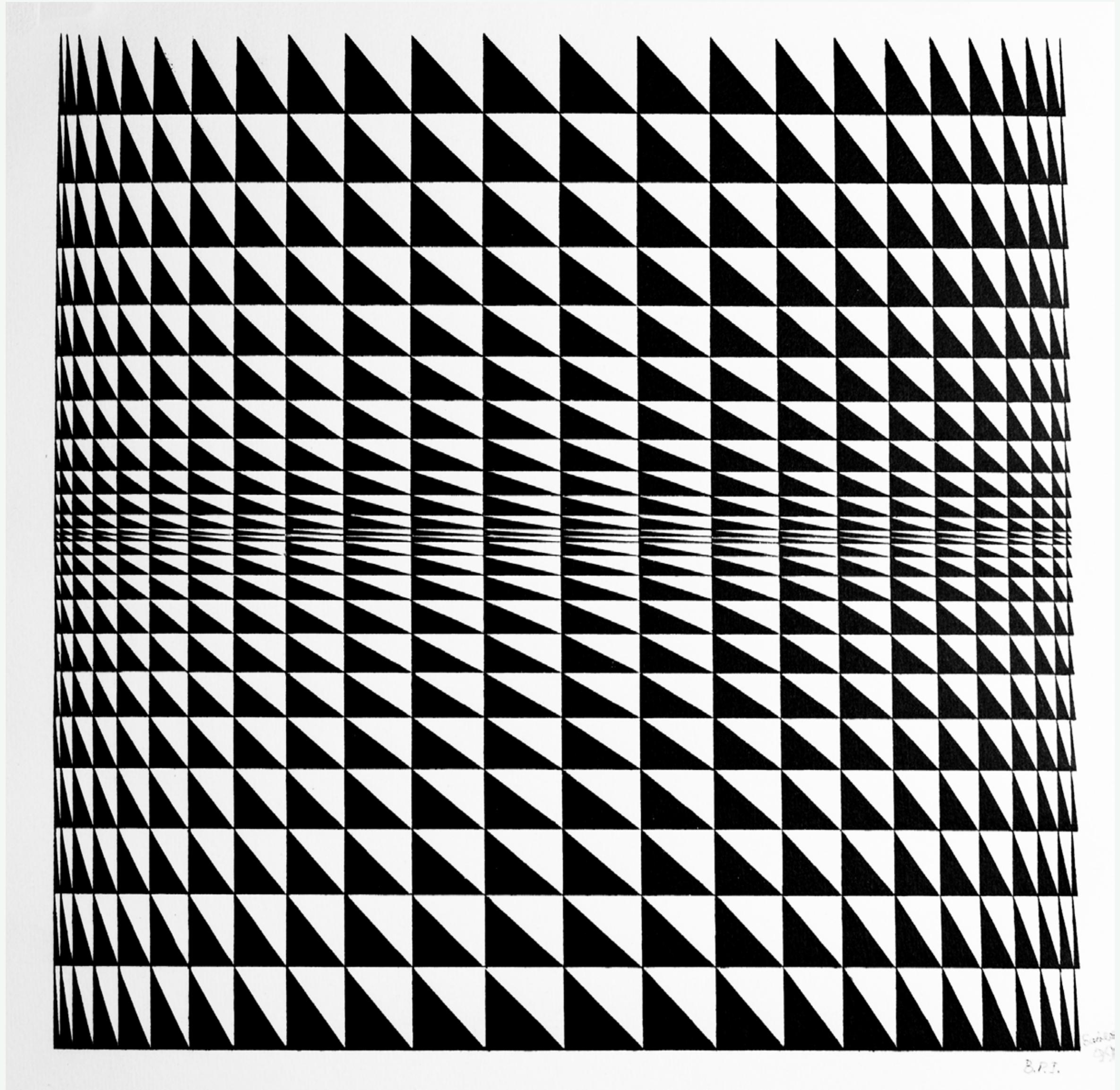
VOLUME (CAPACIDADE)
1 mililitro = 0,001 litro = 1 centímetro cúbico (cm. cu. m. cc.)
1 centilitro = 0,01 "
1 decilitro = 0,1 "
1 litro = 1 decímetro cúbico = 1000 ml.
1 decalitro = 10 litros

—

ESTA CLASSIFICAÇÃO ESTÁ SENDO FEITA A PARTIR
DESTA DATA E QUAKAVERE OBRA ANTERIOR A
ELA SEM A INDICAÇÃO DO NÚMERO CROMÉ É VALI-
DA DESDE QUE ESTEJA ASSINADA PELA MIM.

SANTO ANDRÉ, 10 DE NOVEMBRO DE 1978
Renato Sacilotto

1	2
1.0.0	1.0.0
2.0.0	2.0.0
1.1.0	1.1.0
2.1.0	2.1.0
3.0.0	3.0.0
2.0.1	2.0.1
3.1.0	3.1.0
4.0.0	4.0.0
3.1.1	3.1.1
4.1.0	4.1.0
5.0.0	5.0.0
4.1.1	4.1.1
5.1.0	5.1.0
6.0.0	6.0.0
5.1.1	5.1.1
6.1.0	6.1.0
7.0.0	7.0.0
6.1.1	6.1.1
7.1.0	7.1.0
8.0.0	8.0.0
7.1.1	7.1.1
8.1.0	8.1.0
9.0.0	9.0.0
8.1.1	8.1.1
9.1.0	9.1.0
10.0.0	10.0.0
9.1.1	9.1.1
10.1.0	10.1.0
11.0.0	11.0.0
10.1.1	10.1.1
11.1.0	11.1.0
12.0.0	12.0.0
11.1.1	11.1.1
12.1.0	12.1.0
13.0.0	13.0.0
12.1.1	12.1.1
13.1.0	13.1.0
14.0.0	14.0.0
13.1.1	13.1.1
14.1.0	14.1.0
15.0.0	15.0.0
14.1.1	14.1.1
15.1.0	15.1.0
16.0.0	16.0.0
15.1.1	15.1.1
16.1.0	16.1.0
17.0.0	17.0.0
16.1.1	16.1.1
17.1.0	17.1.0
18.0.0	18.0.0
17.1.1	17.1.1
18.1.0	18.1.0
19.0.0	19.0.0
18.1.1	18.1.1
19.1.0	19.1.0
20.0.0	20.0.0
19.1.1	19.1.1
20.1.0	20.1.0
21.0.0	21.0.0
20.1.1	20.1.1
21.1.0	21.1.0
22.0.0	22.0.0
21.1.1	21.1.1
22.1.0	22.1.0
23.0.0	23.0.0
22.1.1	22.1.1
23.1.0	23.1.0
24.0.0	24.0.0
23.1.1	23.1.1
24.1.0	24.1.0
25.0.0	25.0.0
24.1.1	24.1.1
25.1.0	25.1.0
26.0.0	26.0.0
25.1.1	25.1.1
26.1.0	26.1.0
27.0.0	27.0.0
26.1.1	26.1.1
27.1.0	27.1.0
28.0.0	28.0.0
27.1.1	27.1.1
28.1.0	28.1.0
29.0.0	29.0.0
28.1.1	28.1.1
29.1.0	29.1.0
30.0.0	30.0.0
29.1.1	29.1.1
30.1.0	30.1.0
31.0.0	31.0.0
30.1.1	30.1.1
31.1.0	31.1.0
32.0.0	32.0.0
31.1.1	31.1.1
32.1.0	32.1.0
33.0.0	33.0.0
32.1.1	32.1.1
33.1.0	33.1.0
34.0.0	34.0.0
33.1.1	33.1.1
34.1.0	34.1.0
35.0.0	35.0.0
34.1.1	34.1.1
35.1.0	35.1.0
36.0.0	36.0.0
35.1.1	35.1.1
36.1.0	36.1.0
37.0.0	37.0.0
36.1.1	36.1.1
37.1.0	37.1.0
38.0.0	38.0.0
37.1.1	37.1.1
38.1.0	38.1.0
39.0.0	39.0.0
38.1.1	38.1.1
39.1.0	39.1.0
40.0.0	40.0.0
39.1.1	39.1.1
40.1.0	40.1.0
41.0.0	41.0.0
40.1.1	40.1.1
41.1.0	41.1.0
42.0.0	42.0.0
41.1.1	41.1.1
42.1.0	42.1.0
43.0.0	43.0.0
42.1.1	42.1.1
43.1.0	43.1.0
44.0.0	44.0.0
43.1.1	43.1.1
44.1.0	44.1.0
45.0.0	45.0.0
44.1.1	44.1.1
45.1.0	45.1.0
46.0.0	46.0.0
45.1.1	45.1.1
46.1.0	46.1.0
47.0.0	47.0.0
46.1.1	46.1.1
47.1.0	47.1.0
48.0.0	48.0.0
47.1.1	47.1.1
48.1.0	48.1.0
49.0.0	49.0.0
48.1.1	48.1.1
49.1.0	49.1.0
50.0.0	50.0.0
49.1.1	49.1.1
50.1.0	50.1.0
51.0.0	51.0.0
50.1.1	50.1.1
51.1.0	51.1.0
52.0.0	52.0.0
51.1.1	51.1.1
52.1.0	52.1.0
53.0.0	53.0.0
52.1.1	52.1.1
53.1.0	53.1.0
54.0.0	54.0.0
53.1.1	53.1.1
54.1.0	54.1.0
55.0.0	55.0.0
54.1.1	54.1.1
55.1.0	55.1.0
56.0.0	56.0.0
55.1.1	55.1.1
56.1.0	56.1.0
57.0.0	57.0.0
56.1.1	56.1.1
57.1.0	57.1.0
58.0.0	58.0.0
57.1.1	57.1.1
58.1.0	58.1.0
59.0.0	59.0.0
58.1.1	58.1.1
59.1.0	59.1.0
60.0.0	60.0.0
59.1.1	59.1.1
60.1.0	60.1.0
61.0.0	61.0.0
60.1.1	60.1.1
61.1.0	61.1.0
62.0.0	62.0.0
61.1.1	61.1.1
62.1.0	62.1.0
63.0.0	63.0.0
62.1.1	62.1.1
63.1.0	63.1.0
64.0.0	64.0.0
63.1.1	63.1.1
64.1.0	64.1.0
65.0.0	65.0.0
64.1.1	64.1.1
65.1.0	65.1.0
66.0.0	66.0.0
65.1.1	65.1.1
66.1.0	66.1.0
67.0.0	67.0.0
66.1.1	66.1.1
67.1.0	67.1.0
68.0.0	68.0.0
67.1.1	67.1.1
68.1.0	68.1.0
69.0.0	69.0.0
68.1.1	68.1.1
69.1.0	69.1.0
70.0.0	70.0.0
69.1.1	69.1.1
70.1.0	70.1.0
71.0.0	71.0.0
70.1.1	70.1.1
71.1.0	71.1.0
72.0.0	72.0.0
71.1.1	71.1.1
72.1.0	72.1.0
73.0.0	73.0.0
72.1.1	72.1.1
73.1.0	73.1.0
74.0.0	74.0.0
73.1.1	73.1.1
74.1.0	74.1.0
75.0.0	75.0.0
74.1.1	74.1.1
75.1.0	75.1.0
76.0.0	76.0.0



Sem título

1991

Litografia sobre papel

35,7 X 36 cm

Coleção

Pinacoteca de Mauá



Foto: Paulo Otavio

Sem título
1967
acrilico sobre
madera
colección particular

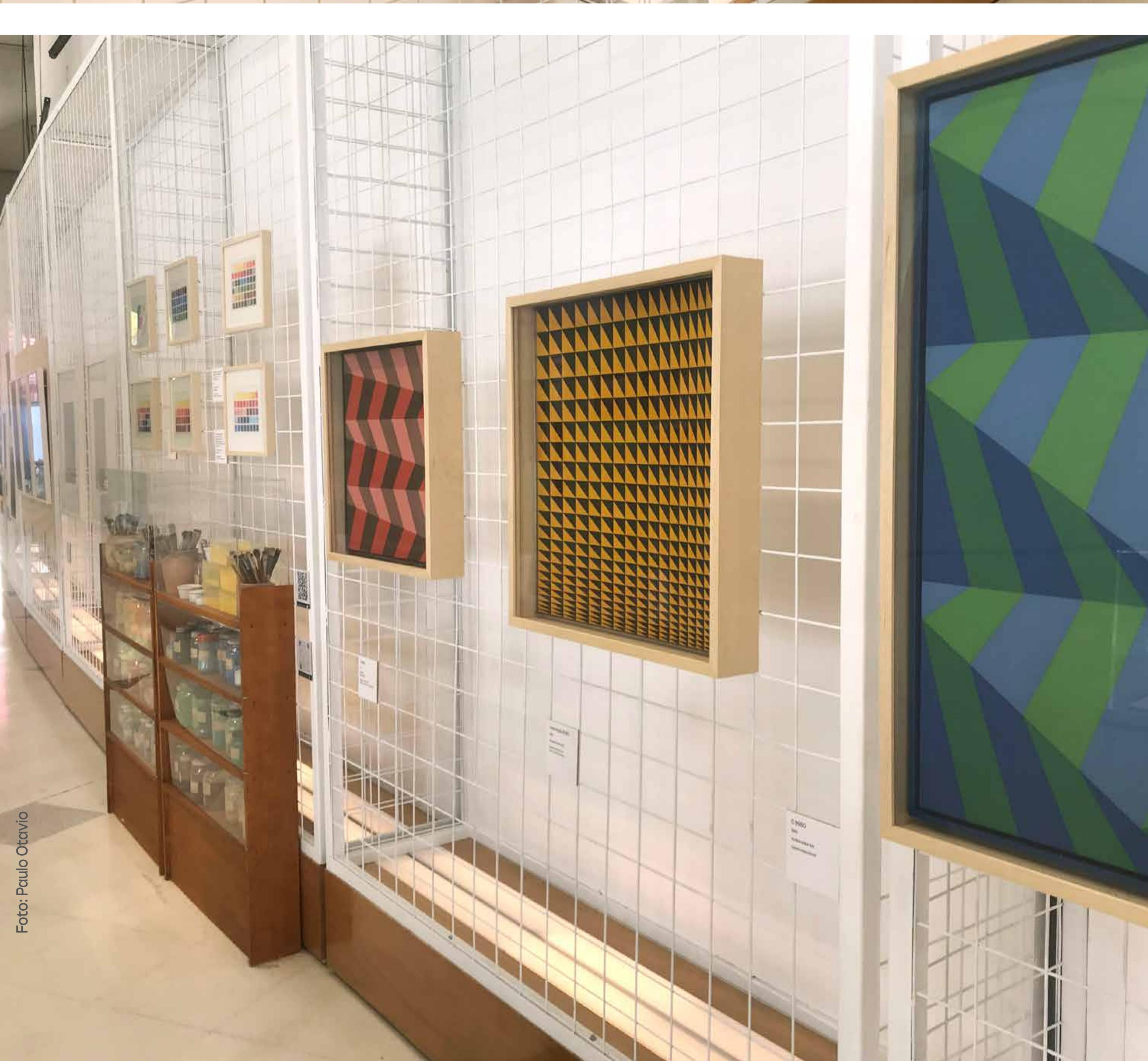
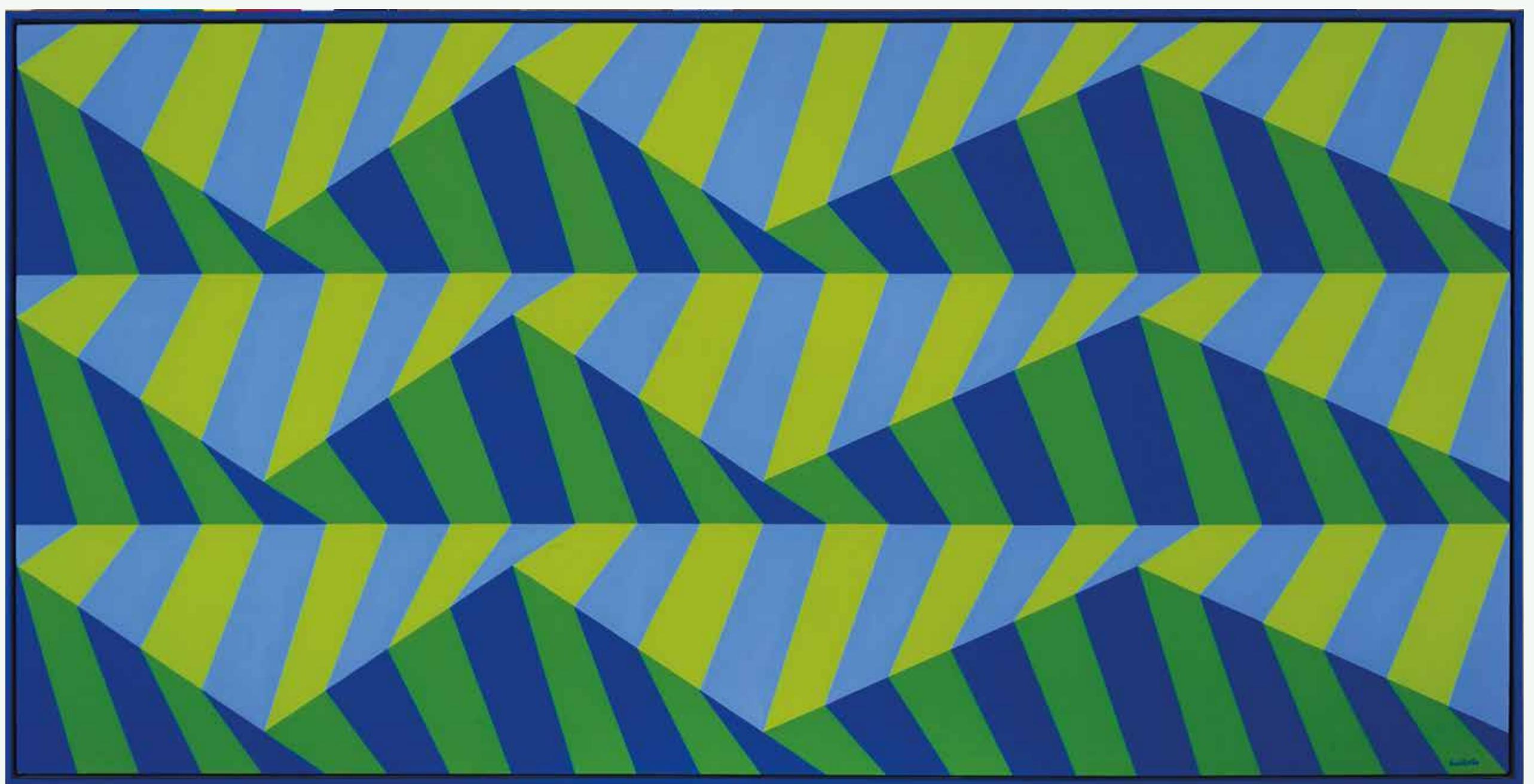
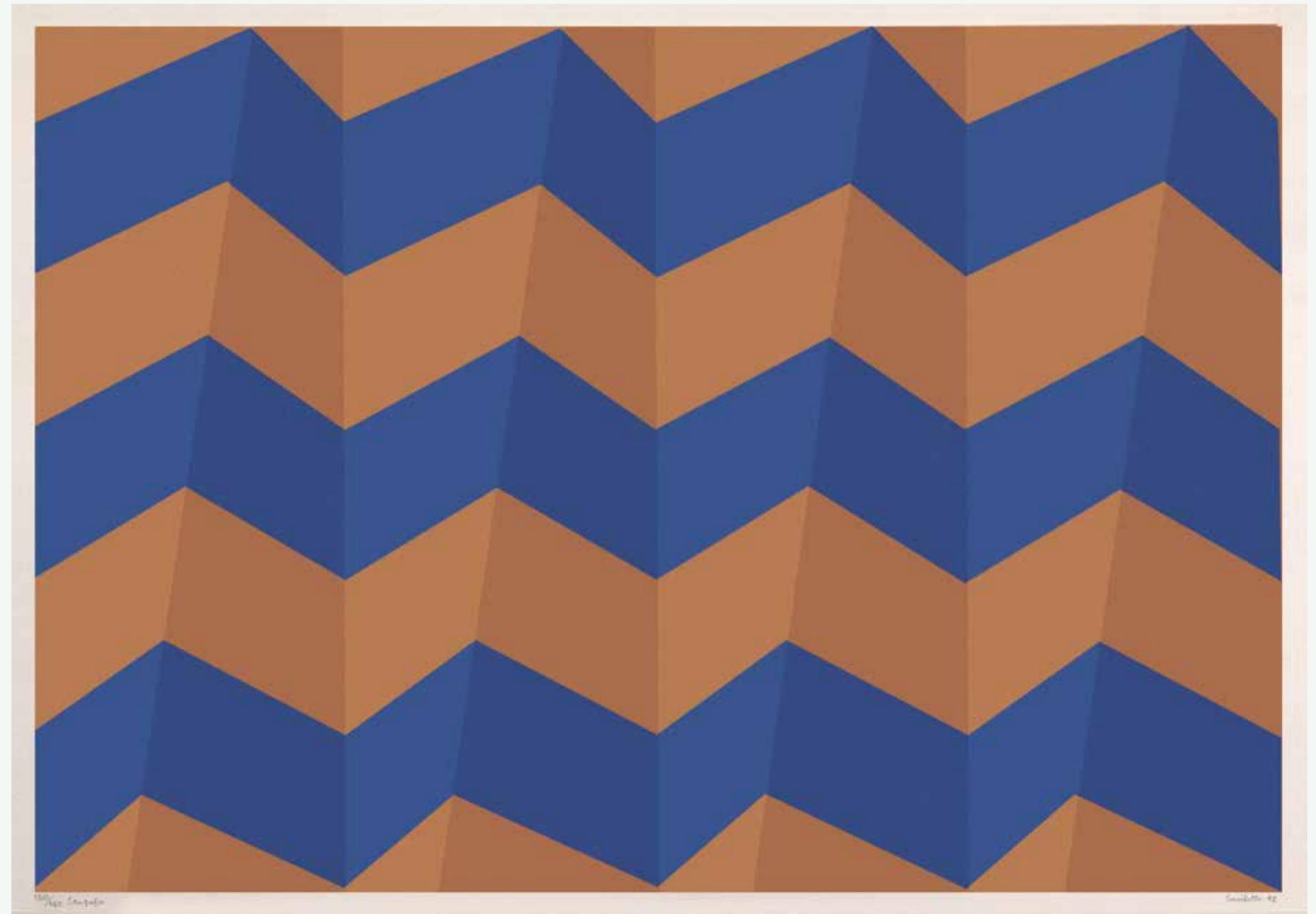


Foto: Paulo Otavio



C 9980
1999
Acrílica sobre tela
90x180cm
Acervo: Hospital Brasil
Foto Sérgio Guerini



Gravura 32
1992
Serigrafia sobre papel
47x70cm
Coleção Luiz Sacilotto -
Acervo Casa do Olhar Luiz Sacilotto



Gravura 28

1991

Serigrafia sobre papel

75x45cm

Coleção Luiz Sacilotto -
Acervo Casa do Olhar Luiz Sacilotto

Vida e obra

Luiz Sacilotto (1924-2003) nasceu em Santo André. Seus primeiros trabalhos demonstram uma recusa aos padrões acadêmicos, com um vigor marcado pelas cores e formas intensas, se aproximando das vanguardas europeias, quando passa a elaborar uma pintura de caráter expressionista que se aprofunda até 1948.

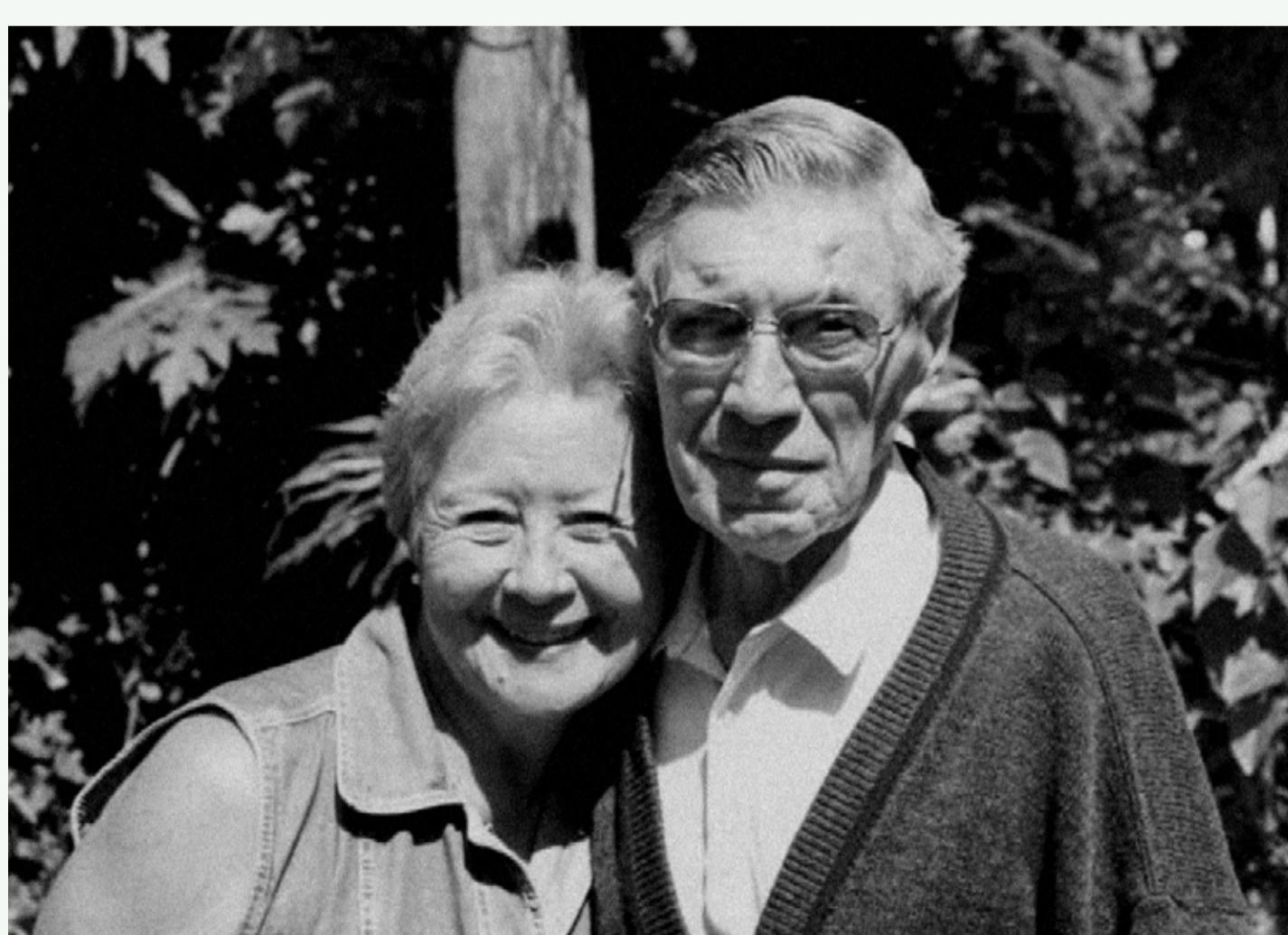
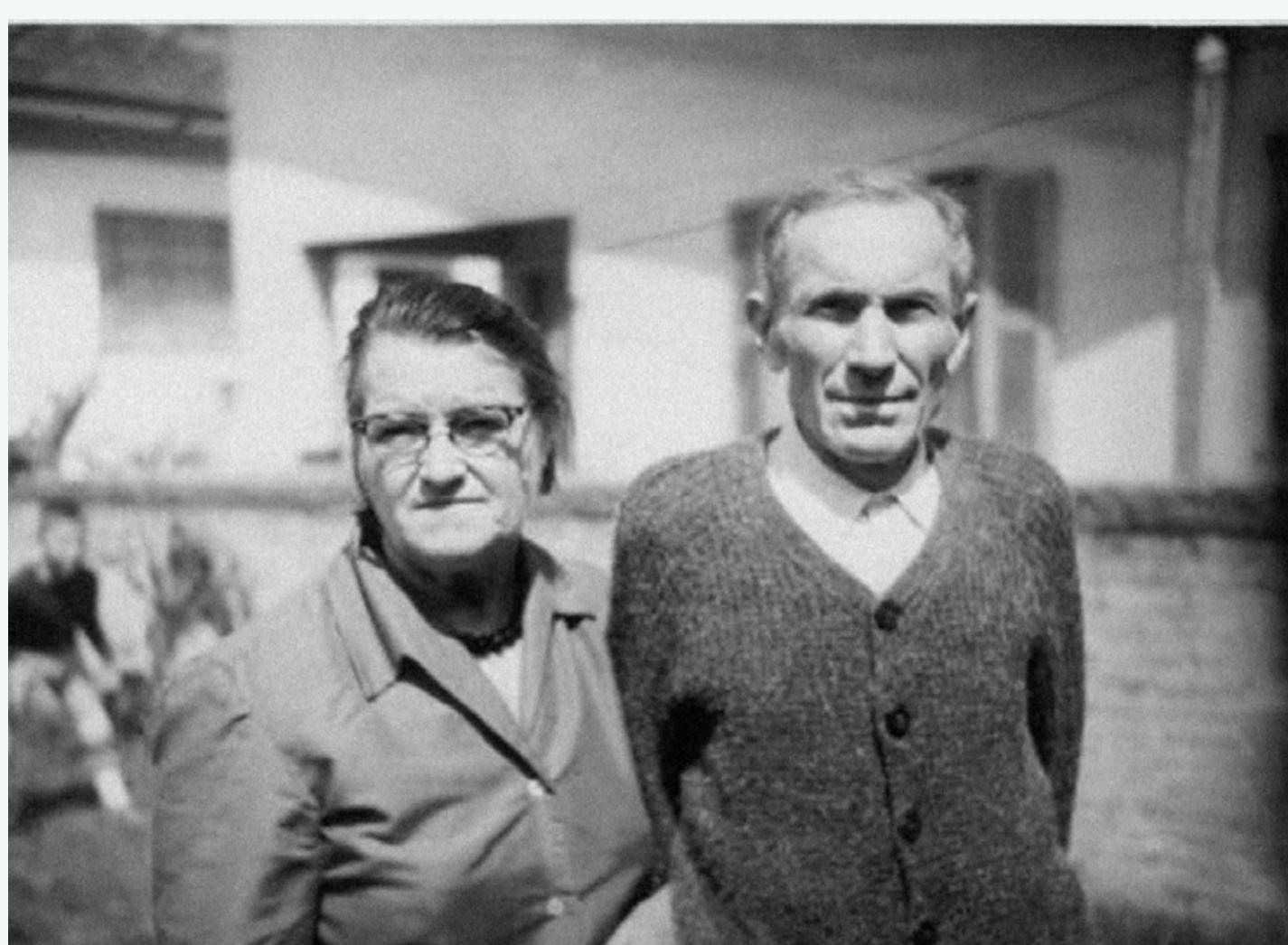
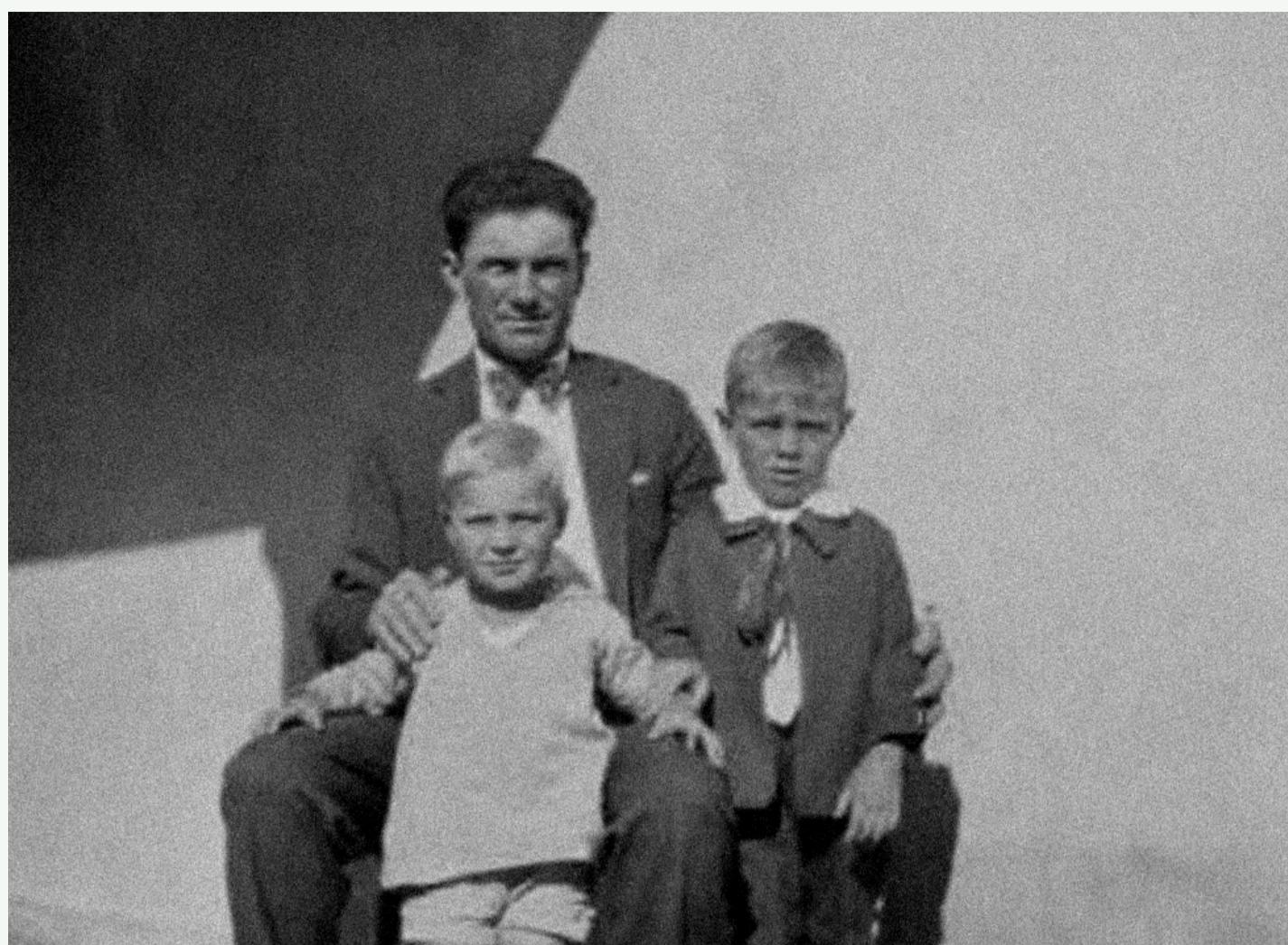
Na década de 1940 não havia boas publicações de arte, então para estudar, ouvir música e trocar ideias com os colegas Marcelo Grassmann (1926-2013) e Octávio Araújo (1926-2015), se reuniam na Biblioteca Municipal de São Paulo, hoje Mário de Andrade. Mais tarde com a aproximação de Andreatini (1921-2001) e a ajuda de Carlos Scliar (1920-2001), realizam a mostra Quatro Novíssimos, no Rio de Janeiro, e passam a ser conhecidos como Grupo Expressionista. No mesmo ano, participou da exposição 19 Pintores, em São Paulo.

Por ocasião desse evento, entra em contato com Waldemar Cordeiro (1925-1973) e Lothar Charoux (1912-1987), com quem posteriormente funda o Grupo Ruptura, ao lado de Geraldo de Barros (1923-1998), Féjer (1923-1989), Leopoldo Haar (1910-1954) e Anatol Wladyslaw (1913-2004). O convívio com o grupo é importante para seu aprimoramento teórico e o desenvolvimento de seu trabalho no atelier, que desde meados de 1948 já esboçava uma consciência abstrato-construtiva.

Em 1963 fundou a Associação de Artes Visuais Novas Tendências, formada por artistas de diferentes vertentes construtivas, com o objetivo de debater e fazer circular a arte de vanguarda. Depois de um hiato (1965-1974), Sacilotto retomou seu trabalho investigando formas, cores e efeitos visuais, passando a explorar fenômenos ópticos, sendo um dos precursores da *op art* no país.

Foi um crítico veemente em relação à ausência de equipamentos culturais e um sistema das artes no ABC paulista. Tinha uma visão colaborativa e coletiva de arte, entendia a geometria como uma linguagem pedagógica, realizou murais para espaços institucionais, instalou esculturas em vias públicas para serem experimentadas além do espaço dos museus.

As obras de Sacilotto são hoje reconhecidas e valorizadas tanto no Brasil quanto internacionalmente, estando em coleções renomadas como a do MoMA, Museu de Arte Moderna de Nova York, e a do Museu de Belas Artes de Houston.



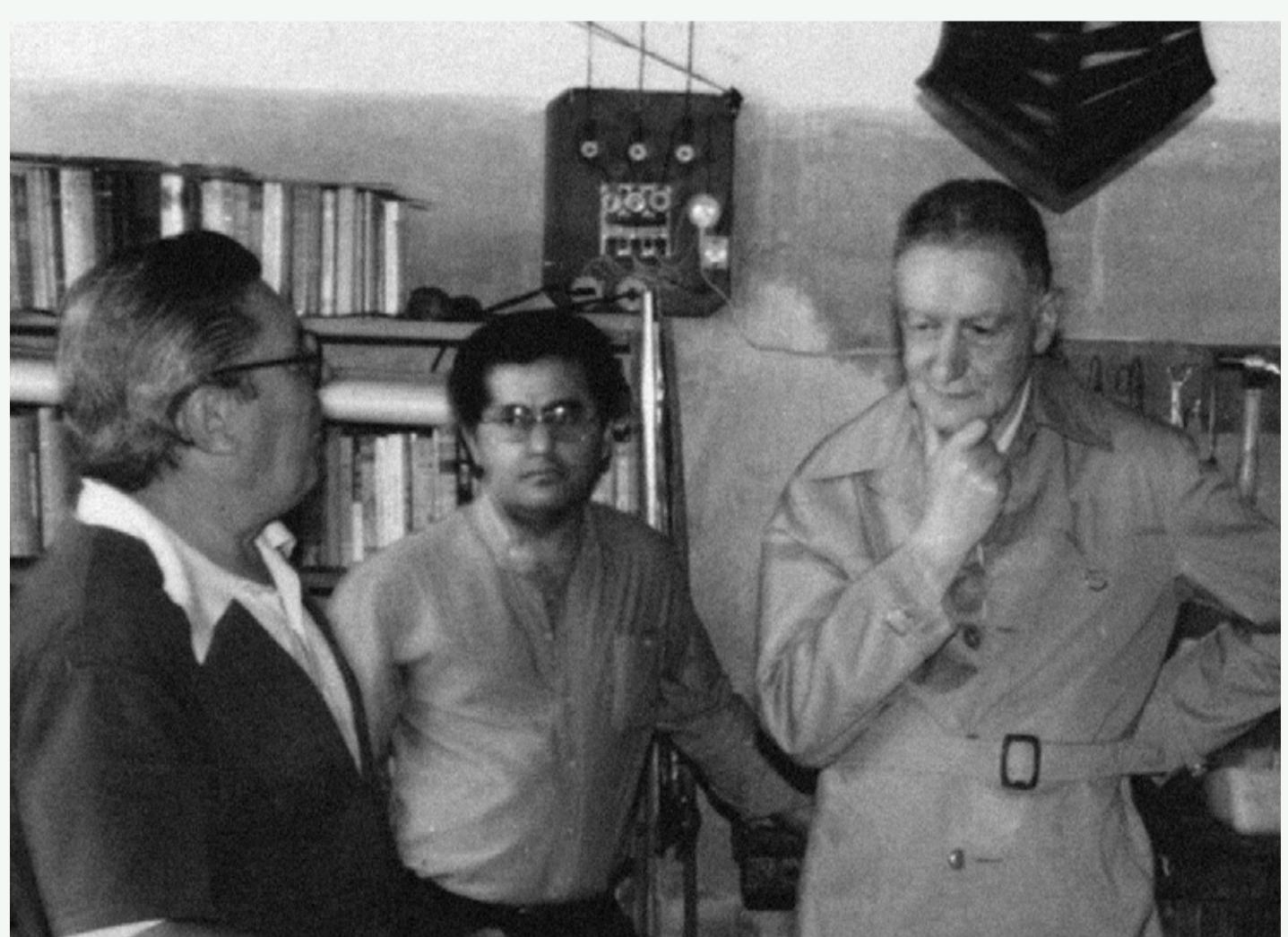
Luiz Sacilotto na infância
com seu pai, Antonio,
e o irmão, Nelson, s.d.

Pais do artista,
Thereza e Antonio, s.d.

O artista com a família.
Antonio, pai, Thereza,
mãe, Helena, esposa,
e o irmão Nelson, 1950

Sacilotto e Helena, 1998

Família Sacilotto



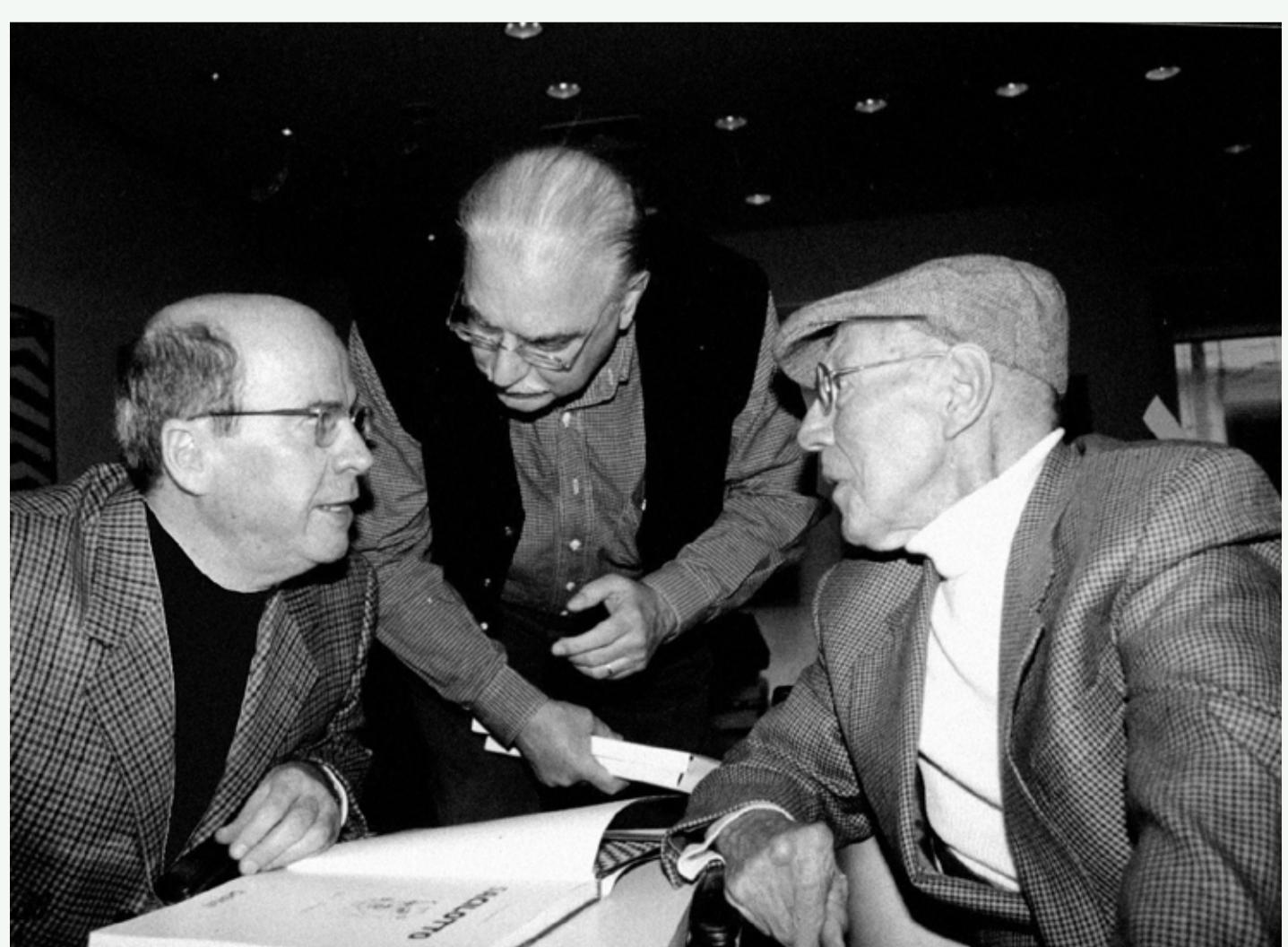
Exposição
Expressões
e Concreções,
MAM SP, 1980

Luiz Sacilotto,
Waldemar Cordeiro
e Geraldo de Barros,
1953

Sacilotto com
Theon Spanudis
e Valdeir Maciel,
1981

Com Augusto
de Campos e
Enock Sacramento,
2001

Família Sacilotto



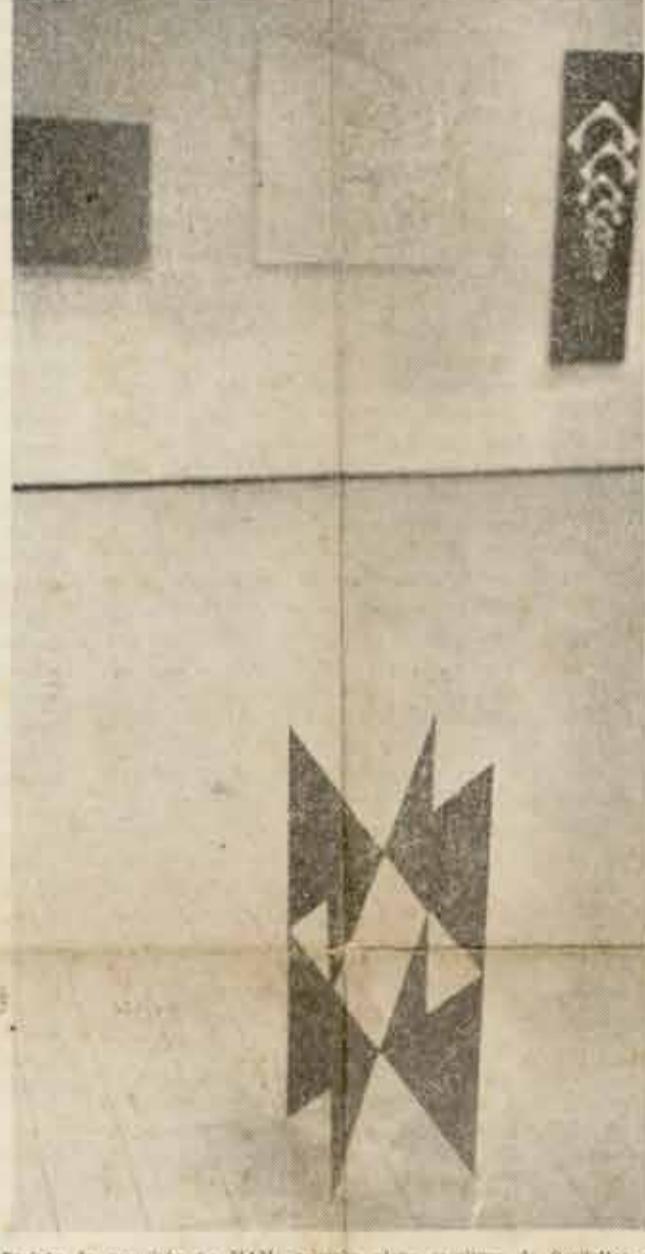
CONCRETOS DE SÃO PAULO NO MAM DO RIO

A exposição de artistas concretos de São Paulo, que se realiza atualmente no Museu de Arte Moderna do Rio, compreende a mostra de trabalhos recentes e uma retrospectiva que vem de 1951 a 1959. "Esta não é uma retrospectiva completa — explica Waldemar Cordeiro no prefácio da exposição — é apenas a apresentação de algumas obras poucas vistas, que pertencem a esse período de quase uma década de arte concreta no Brasil". Mas que significa, neste caso, uma retrospectiva? "Não é um balanço — explica ele — mas apenas uma oportunidade para a revisão de posições para os que, como remanescentes da mentalidade modernista de 22, nada souberam enxergar na arte não-figurativa além do brasileirismo dos verde-amarelos de Cícero Dias e consideraram o *Tiradentes*, de Portinari, a maior criação da arte geométrica". Em suma, pretendem os concretos paulistas mostrar ao público o que foi e o que é a sua arte concreta. Nada mais. Para eles, "o papel da arte concreta não é o de sacar supostos problemas novíssimos, mas o de tentar respostas mais adequadas aos conteúdos positivos da arte contemporânea em face dos problemas que a conjuntura cultural vem apresentando". Confesso que não penetra bem o sentido dessa afirmação. Toda arte legitima coloca problemas novos, e quanto a dar resposta "aos conteúdos positivos da arte contemporânea", não entendo como se fará isso: uma vez que tais conteúdos só existem formulados — e nesse caso já são obras — ou ainda não existem simplesmente. O conteúdo da arte concreta, segundo os paulistas, é "o conteúdo da objetividade da arte", mas a objetividade é, antes, um comportamento em face da criação. Daí a como conteúdo, parece-nos uma posição conservadora e comodista. Talvez que o problema desses artistas esteja em encontrar um conteúdo para a sua objetividade.

Essa é precisamente a impressão geral que se tem da exposição aberta no Museu de Arte Moderna do Rio. Dos trabalhos mais antigos aos mais recentes, dos soluções mais felizes às mais primárias, constata-se a submissão permanente a uma suposta objetividade que restringe o artista à manipulação de formas sem significação. Certamente, a essa afirmativa minha, responder-se-ia que não existe forma sem significação mas, na verdade, nem toda significação penetra a área da expressão estética propriamente dita. Basta que se compare uma escultura de Feijer a uma escultura de Weismann, um quadro de Cordeiro a um quadro de Albers, para que se comprenda isso.

Minha opinião sobre a arte concreta, no Brasil, já expressa mais de uma vez nesta página, é que ela assinala o encontro da arte brasileira com os problemas fundamentais da linguagem visual moderna. Evidentemente, quando me refiro a arte concreta, não me restrinjo aos artistas paulistas nem apenas aos artistas brasileiros, mas igualmente aos postulados mais gerais dessa arte, enfim, à tomada de posição estética nela implicada. A experiência concreta veio limpar nossa pintura das caderências literárias, do folclore canônico, e nesse sentido preparou-nos para um trabalho mais profundo, mais responsável, mais universal. Preparou-nos também para uma crítica de seus próprios postulados e uma re-colocação dos problemas. De uma objetividade crítica, devia-se passar a uma objetividade criadora. Esse foi o passo dado, por exemplo, por Lygia Clark, por Weismann, por Amílcar de Castro — e já agora por Carvalho, Hélio Oiticica e Décio Vieira. Esse passo os paulistas não deram, e a limitação de suas obras está talvez menos no seu pouco mérito inventivo do que na submissão ao dogma concretista.

No sua primeira etapa, a arte dos concretos paulistas não difere muito da de um Ivan Serpa ou de Corrêa aquela mesma época. Trata-se de um começar de novo, de uma corajosa atitude que paga, naturalmente, o preço de seu arraço. Essa etapa se caracteriza por um misto de coragem e timidez: coragem em romper com o passado e timidez em construir, em inventar. Há ali uma vontade de rigor, de objetividade que, infelizmente, torna satisfazendo-se em jogos de linhas e formas seriadas. Seguindo o trabalho desses artistas, do começo de suas experiências até hoje, em vão se procura a fixação sobre um problema qualquer e seu continuado aprofundamento. Cordeiro começa com a exploração de



Princípio da exposição no MAM - painel plástico escultórico de Sacilotto. Fundo: Fundação Cultural.



Pintura, Nogueira Lima, 1959, óleo sobre tela.

rítmos horizontais paralelos mas logo deriva para variações de círculos e espirais; adiante abandona as linhas curvas e trabalha com linhas retas ou quebradas ou ainda figuras que se desdobram no espaço segundo uma lógica geométrica óbvia. O mesmo se pode dizer de Mauricio Nogueira Lima e de Judith Lauand. Apenas Luiz Sacilotto guarda certa coerência em suas obras, mantém-se fiel a certos elementos e problemas espaciais e rítmicos. Mas não evolui nêles: adota-os e os explora, ora combinando o ritmo das formas seriadas a contrastes de cor, ora lhes dando relevo material, ora trocando-os para o espaço: o problema estrutural permanece o mesmo.

Da última exposição dos concretos paulistas no Rio (1957) para esta, houve algumas mudanças, que convém assinalar. Embora insistam no apriorismo que assimilamos, abriram mão de certos dogmas absurdos como o de considerar o cor um elemento secundário, teoricamente determinado pela estrutura. Aquela época, alguns deles chegaram mesmo a me dizer em conversa que, nos seus quadros, qualquer cor podia ser substituída por outra sem se alterar fundamentalmente o sentido da obra. Aparentemente, essa opinião contradiz a primeira, mas de fato sublinha a importância que atribuem à forma como concepção geométrica abstrata. Era a interpretação que dava da definição de Bill segundo a qual uma obra de arte concreta é a concreção de uma ideia. Hoje, vemos-las usar verdes-frios, laranjas, marrons, meios tons de azul e vermelho. Algo mudou, mas a mudança é ainda aparente, porque a cor não é usada por si mesma, como elemento autônomo, e sim como figura, como cor da forma: a cor cheia é forma e a define visualmente mas não a transforma, não a cria.

Parece ter havido certo relaxamento na posição do grupo paulista e como consequência a desorientação de alguns deles, notadamente de Nogueira Lima (que se mostra nessa última fase influenciado por Serpa, Nasaroly, Volpi, Sacilotto) e Judith Lauand, que retorna ao rigorismo de 1957, reduzindo sua pintura ao desenho de formas fechadas sobre fundos neutros. Cordeiro salta do ascetismo de formas rígidas e acromáticas para cores violentas e formas indeterminadas. Mas ainda aqui, ao contrário do que parece, não é o cor o elemento fundamental da obra e sim o caráter indeterminado da forma: a cor como irradiação luminosa, como fenômeno visual objetivo, não como meio de construção simbólica. Hoje, como antem, os paulistas continuam a partir de conceitos e não de experiências. Por isso mesmo, dentro do campo da arte concreta, não ultrapassam os limites já demarcados pelas obras de Bill, Albers e Wordemberg-Gilewitz. O problema da forma determinada-indeterminada, das áreas de tensões criadas pela cor — que Cordeiro adota agora — não é nenhuma novidade dentro da linguagem concreta, e surge nela a esta altura motivado pelo tachismo, quando em Bill aquelas experiências são consequência lógica de sua obra anterior. Sacilotto é, do grupo, o que tenta romper um caminho pessoal, muito embora ainda preso à construção seriada da forma e outros procedimentos concretistas esgotados. Feijer parece ainda experimentar sem rumo certo e sem muita convicção. Seus trabalhos estão pessimamente realizados do ponto-de-vista artesanal. O problema da obra em si mesmo não oferece interesse uma vez que se reduz à combinação prevista da transparência de placas coloridas. Essa crítica é válida para os seus demais trabalhos, onde ele se propõe apenas a conseguir efeitos pela refracção do material transparente. A forma não alcança nenhuma independência de expressão.

Quero reafirmar, concluindo, que a arte concreta iniciou no Brasil uma corrente estética de importância fundamental. O acúmulo de experiência e de idéias que ela gerou entre nós durante esses dez anos serviu para que alguns artistas desses inicios a uma obra pessoal, nova, e de total atualidade. Gracias a isso, será possível resistir às ondas devastadoras da moda e levar avante o trabalho construtivo de uma experiência que ganhou raiz e comece a dar frutos. Quanto ao concretismo ortodoxo, preso a generalizações apriorísticas, esse está morto e enterrado. Que os paulistas se convençam disso.

**Matéria com esculturas de Sacilotto na exposição dos artistas concretos paulistas no MAM - RJ.
Texto de Ferreira Gullar**

Jornal do Brasil

1960

Fundo Arquivístico

Instituto de Arte Contemporânea

ARTISTA NA EMIA

SACILOTTO

Filho de imigrantes italianos, Luiz Sacilotto nasce em Santo André - SP em 1924. Aos 14 anos de idade ingressa no Instituto Profissional em São Paulo, onde estuda durante 5 anos desenho, pintura e técnicas relacionadas a artes e ofícios. Começa a pintar por volta de 1942 e em 1944 seus trabalhos assumem feições expressivas, em 1946 participa de sua primeira exposição no Instituto de Arquitetos Brasileiros no Rio de Janeiro e no ano seguinte participa da mostra "19 pintores" na Galeria Prestes Maia em São Paulo.

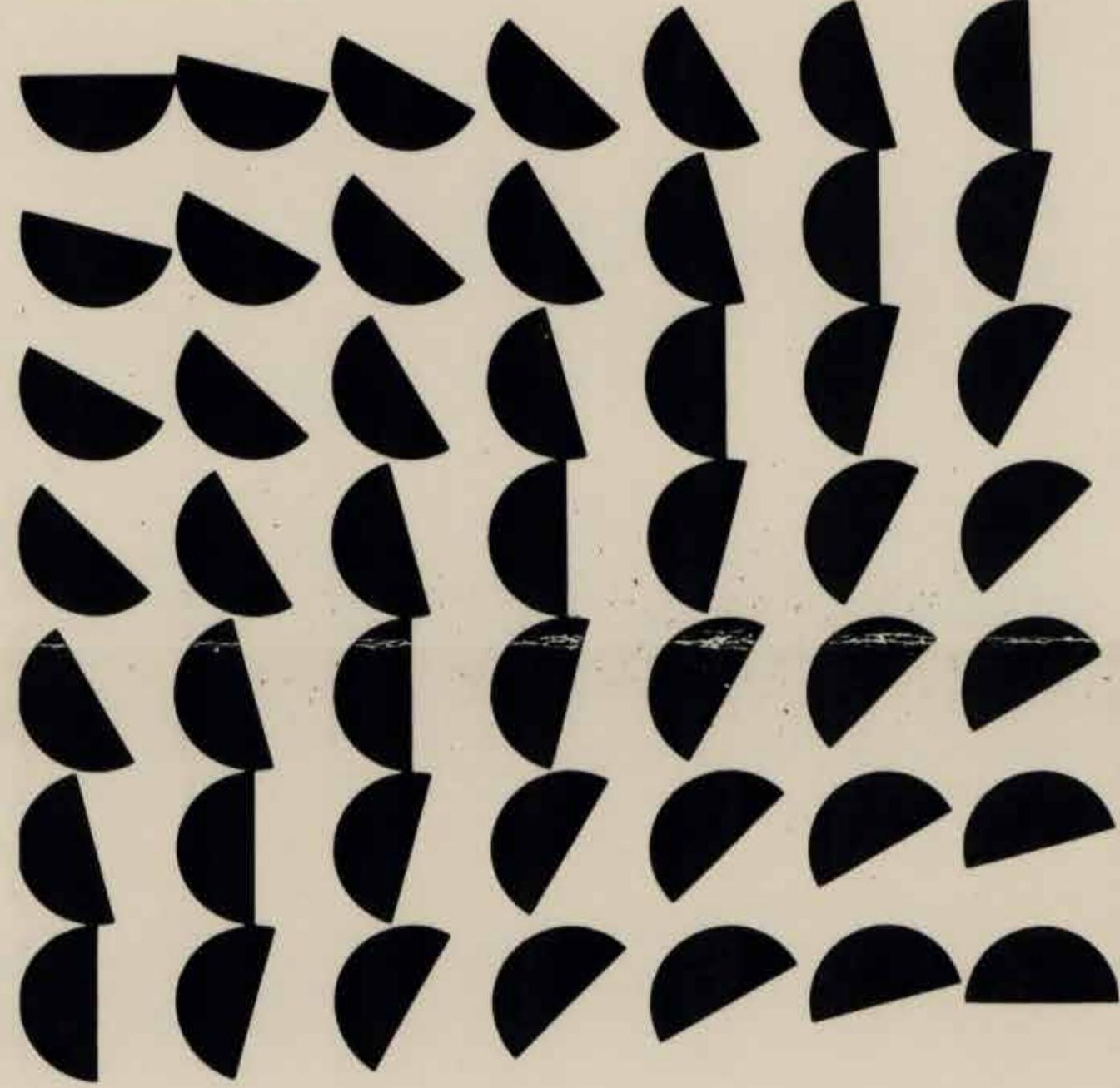
Por volta de 1948 traz ao campo das pesquisas artísticas a precisão do desenho industrial. Em 1949 torna-se um dos precursores da Arte Concreta que se transforma numa das mais fortes correntes da Arte Brasileira na década de 50. A partir de então, Sacilotto participa de inúmeras exposições nacionais e internacionais, conquistando prêmios de relevada importância.

Em 1968 tem Sala Especial no I Salão de Arte Contemporânea de Santo André, em 86 no IV Salão Paulista de Arte Contemporânea e em 87 recebe o prêmio da Associação Paulista dos Críticos de Arte.

Em 1980 realiza uma grande retrospectiva "Expressões e Concreções" no Museu de Arte Moderna de São Paulo.

Desde o início Sacilotto preocupa-se com a organização serial do quadro, e pelo desenvolvimento ótico de suas variáveis possíveis. Em seus trabalhos recentes articula uma linguagem precisa, lúcida e limpida tornando-os mais lúdicos, com uma concentração do essencial e uma economia tão densa que intensifica a vitalidade e a dinâmica da obra.

Concreção 8080, tinta/teia, 100x100



"Sacilotto é um operário avançado da parcimônia pictórica e escultórica. Quando muitos apreciadores da arte já perderam a virtude de ver, consagrando-se a especialidade de apenas reconhecer o que julgam ter visto alguma vez, ou muitas vezes, ele propõe a audácia de repreender a ver, negando-se a transformar o olho em carimbo. (...) Justamente o contrário de uma pintura de efeitos. Pois você nada vera se passar por elas os olhos com o carimbo do "ja visto". O sensível não derrotara o mecânico."

Décio Pignatari

Carta datiloscrita por
Décio Pignatari sobre uso
pedagógico da obra de
Sacilotto para a EMIA
(Escola Municipal de
Iniciação Artística
de Santo André)
s.d.
Família Sacilotto





Sacilotto no espaço
maior da edícula, o
“Barracão”, que antes
era usado pelo pai

1976

Família Sacilotto

Cidade e espaço público

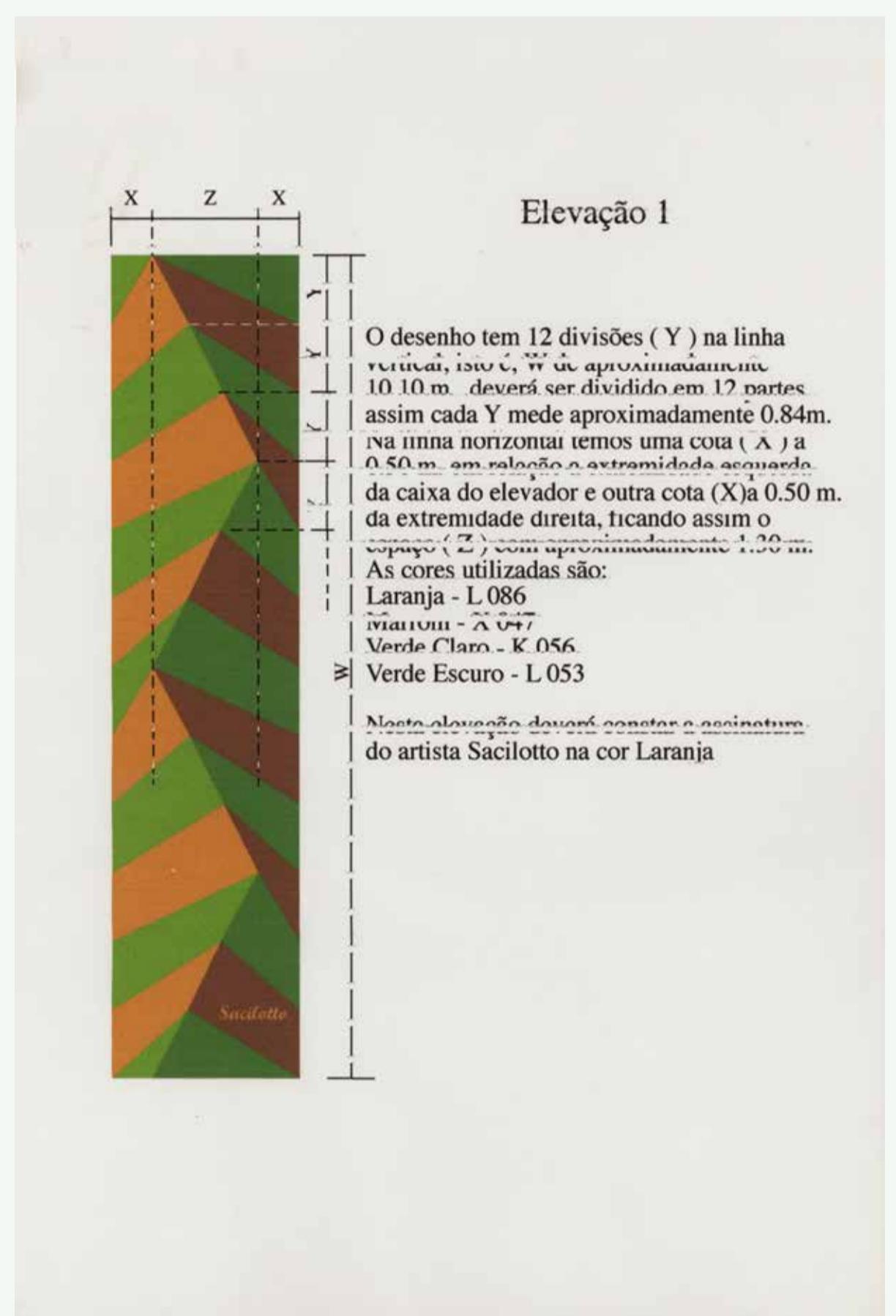
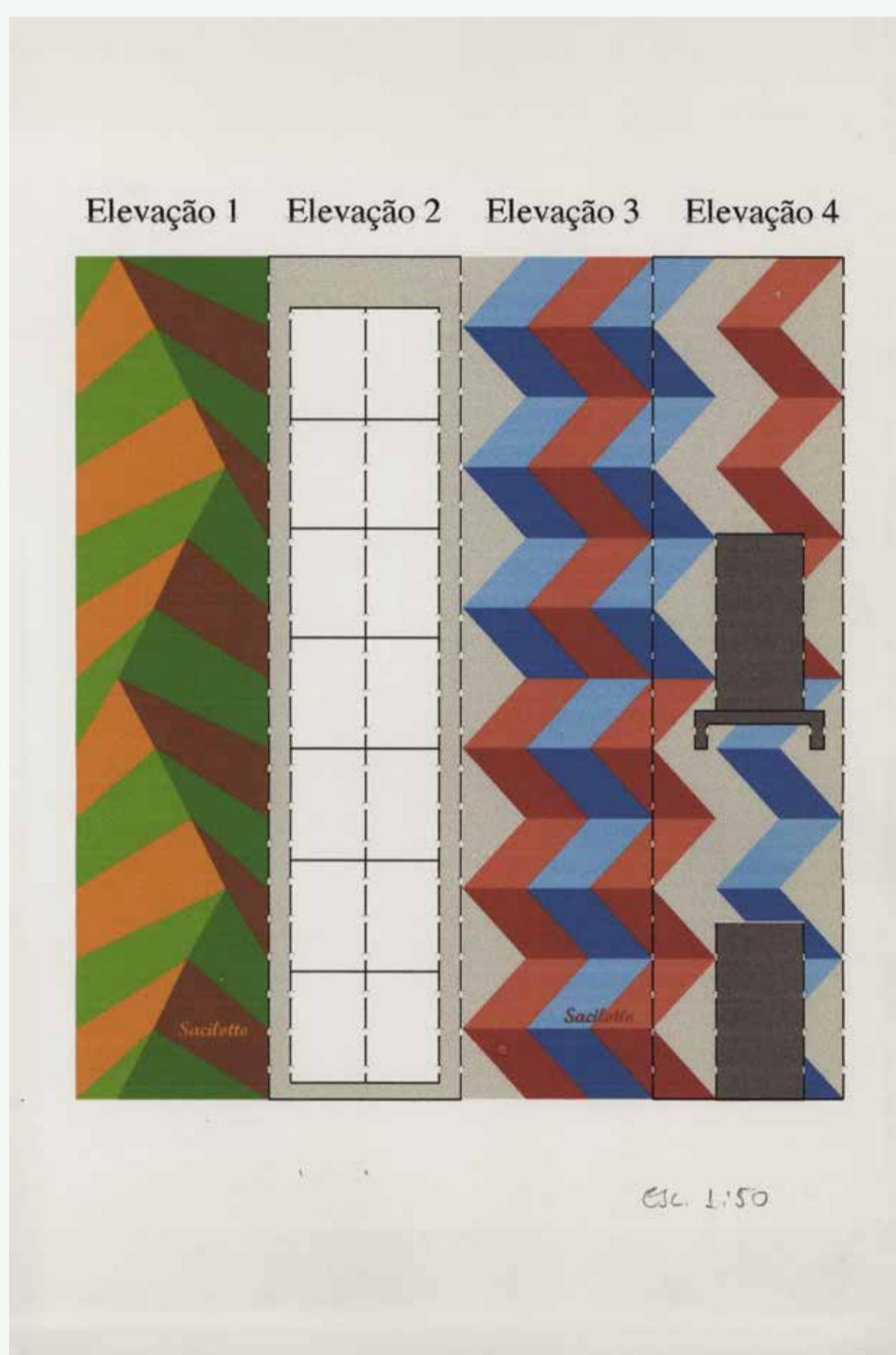
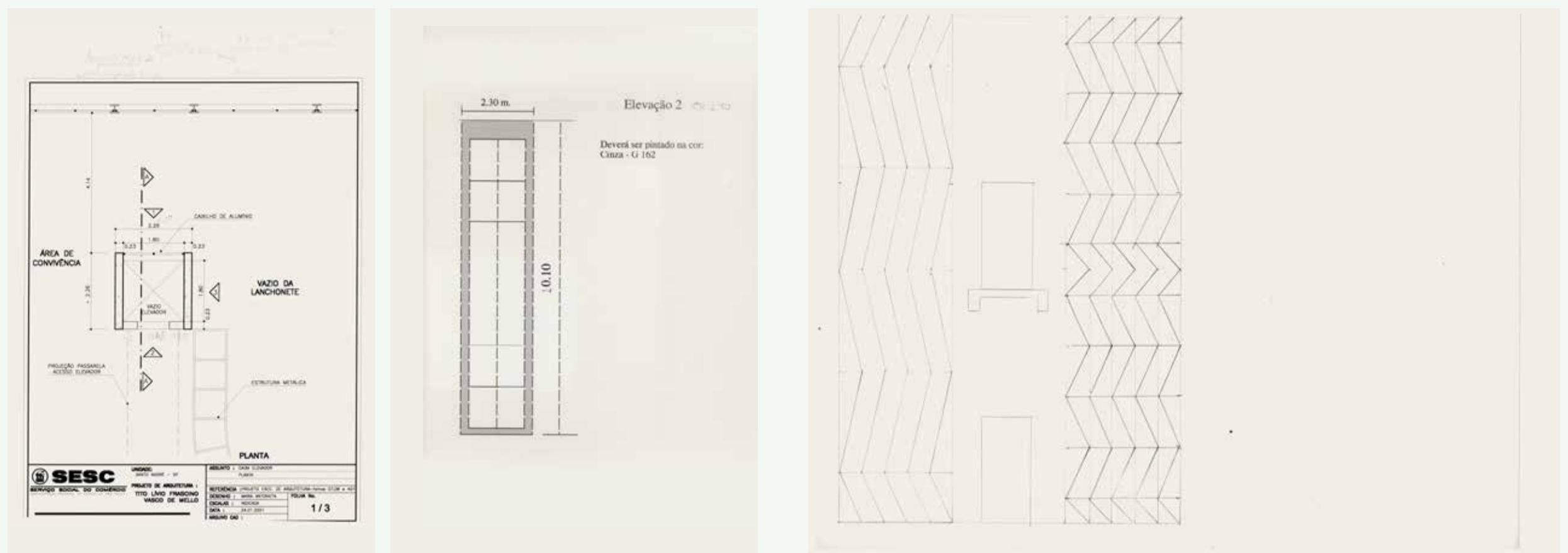
Ao apresentarmos estes projetos públicos, fazemos um convite a reencontros e reencantos com a cidade; ao conhecer um pouco dessas proposições realizadas pelo artista, conseguimos ter nítida a importância e o cuidado nos espaços idealizados para a população, particularmente porque as obras do artista fazem parte do patrimônio artístico da cidade que é integrado ao urbanismo, dando forma à vida moderna, realização de uma ambição fundamental do concretismo.

Os projetos mostrados nesse núcleo propõem reflexões sobre como se constrói a cidade e a sua relação com a arquitetura e o urbanismo, pensando em espaços de lazer, de descanso, de passagem que priorizam um tempo de qualidade, um tempo de estar, e como se dão os usos desses espaços, para quem foi feito e quem usufrui desses lugares, qual parte da sociedade que tem direito à cidade.

São reflexões sobre os temas arte e espaço público, suas relações com a paisagem, a memória, o patrimônio, portanto, esse pode ser um momento para contemplar, sentar, conversar e trocar.

Em 2000, como homenagem da prefeitura de Santo André, sua terra natal, a principal via comercial da cidade, a rua Coronel Oliveira Lima, é calçada com lajotas que reproduzem suas obras. No local, é instalada também a escultura *Concreção 0005* e, no Parque Central, a escultura *Concreção 0011*, ambas realizadas naquele mesmo ano.

Sacilotto entendia a arte como força impulsionadora da vida, e isso fica claro em seu comentário sobre o painel projetado para o Sesc Santo André: “É uma das minhas criações mais importantes. Fica num recinto que será propriedade do povo e que receberá a todos. É uma obra para ser vista. Não é como se estivesse em um museu, onde nem todo mundo tem acesso. Crio com a intenção de democratizar a arte. Não faço para mim, faço para todos entenderem e gostarem.”



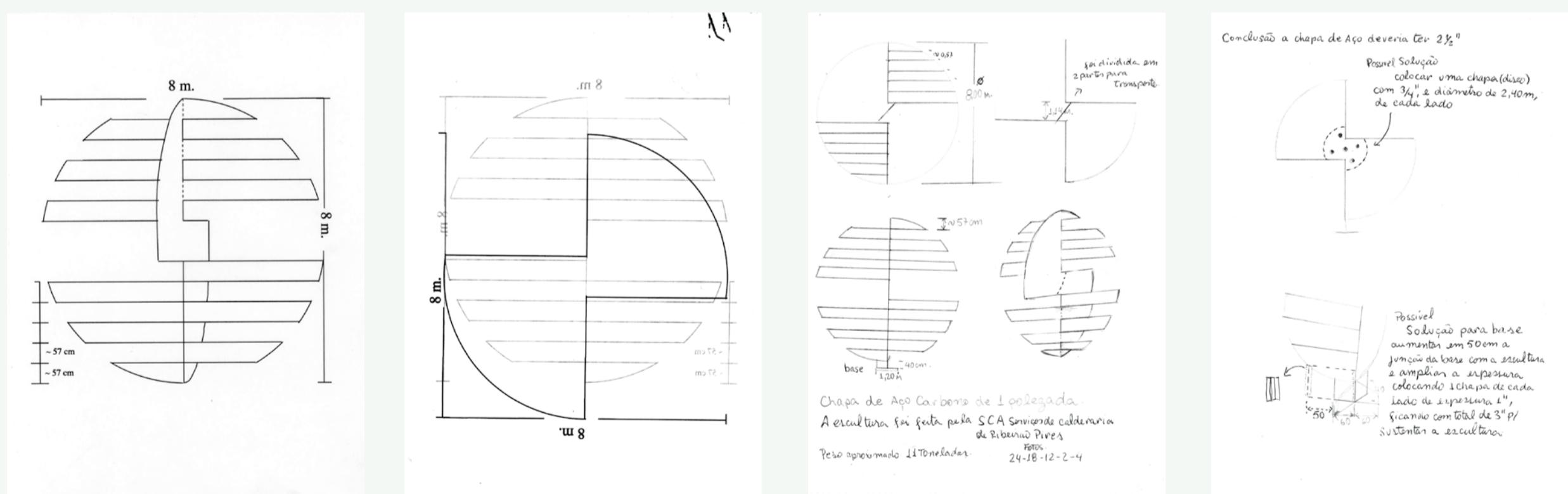
Reprodução dos
desenhos técnicos
para o painel da
caixa do elevador
no Sesc Santo André
2002
Família Sacilotto



Foto: Paulo Otávio



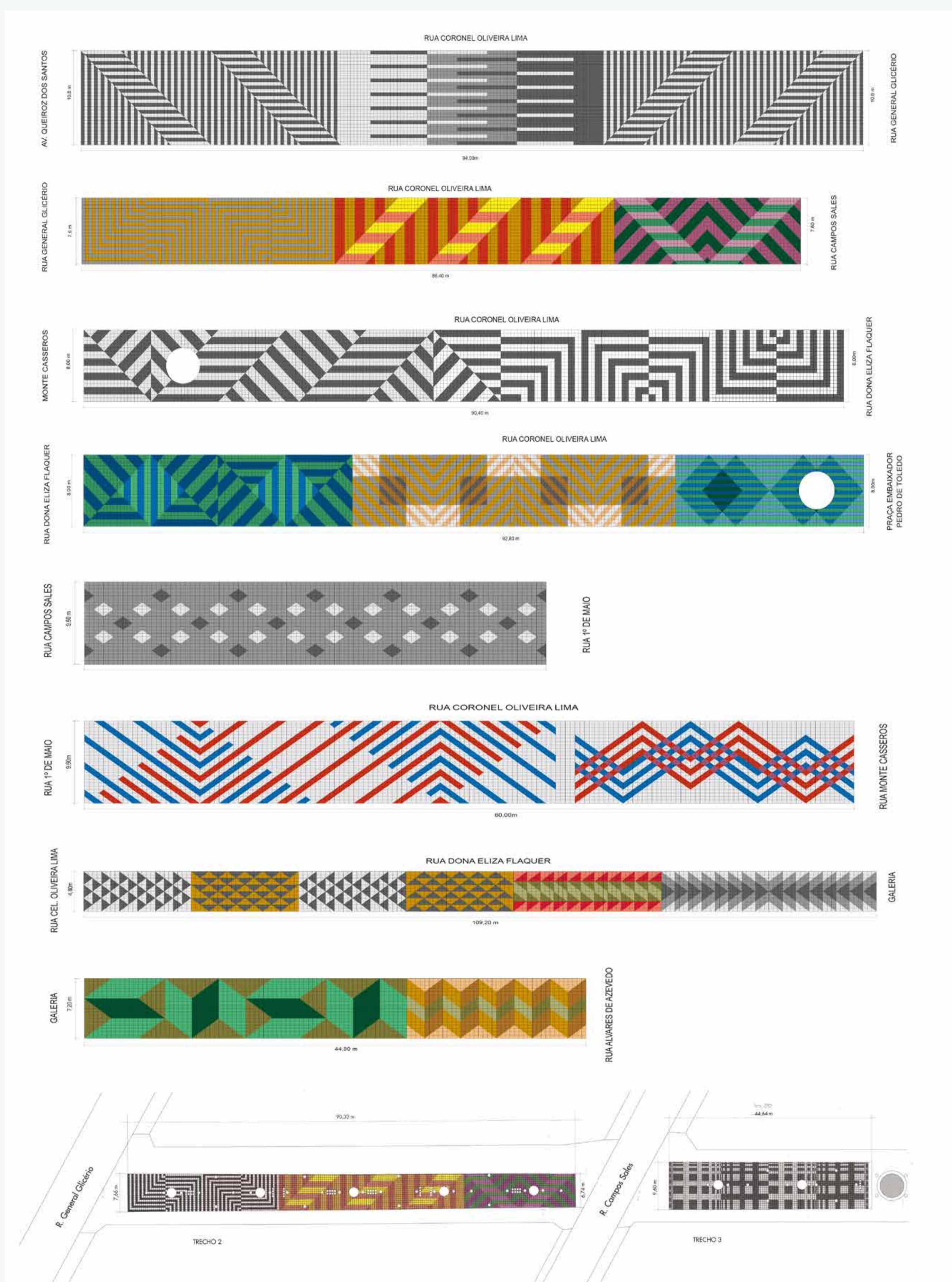
Foto: Paulo Otávio



Projetos e a
maquete para
a obra CO011
1997

Família Sacilotto

A obra CO011 foi
instalada no ano
2000 na Praça
IV Centenário e
transferida para
o Parque Central
de Santo André
em 2007



Desenhos técnicos
em escala, estudos
de cores e padronagens
para calçamento de ruas
no centro de Santo André.

Família Sacilotto



Foto: CyMuseum
Foto: Paulo Otavio



Foto: Paulo Otavio

Luiz Sacilotto

Cronologia



1924

Nasce em Santo André, no dia 22 de abril, filho de Antonio Sacilotto e Thereza Cancellier Sacilotto, imigrantes italianos.

Sacilotto com os pais, 1925

Sacilotto no Instituto Profissional, déc. de 1940

Diploma de mestre em pintura obtido na Escola Técnica Getúlio Vargas, 1943

1938

Ingressa no Instituto Profissional Masculino, em São Paulo, onde recebe o diploma de habilitação em pintura e decoração, em 1941. Durante o curso, torna-se amigo de Marcelo Grassmann e Octávio Araújo.

1942-43

Estuda na Escola Técnica Getúlio Vargas, diplomando-se mestre em pintura, e ingressa na Hollerith do Brasil como desenhista de letras de alta precisão.

1945

Por ocasião da Segunda Guerra Mundial, é convocado pela Força Expedicionária Brasileira (FEB). Permanece nove meses na Vila Militar, no Rio de Janeiro, período em que visita exposições de arte e tem contato com obras de mestres expressionistas. Com o fim do conflito, volta para São Paulo e retoma seu emprego.

1946

Participa de uma coletiva de desenhos na Biblioteca Municipal de São Paulo e da exposição Quatro Novíssimos, realizada no Instituto dos Arquitetos do Brasil, no Rio de Janeiro.

Em São Paulo, trabalha ao lado do arquiteto Jacob Ruchti, como desenhista projetista.

O desenho e a pintura de Sacilotto apresentam, à época, características expressionistas.



Sacilotto com outros convocados na Vila Militar, Rio de Janeiro, déc. de 1940

Helena e Sacilotto, 1951



1947

Participa da exposição 19 Pintores na Galeria Prestes Maia, em São Paulo, durante a qual conhece Waldemar Cordeiro e Lothar Charoux.

Realiza suas primeiras experiências em torno do abstracionismo geométrico.

Participa do 1º Salão de Belas Artes do Município de Santo André, obtendo o 2º Prêmio.

Por alguns meses, trabalhou como desenhista no escritório do arquiteto Vilanova Artigas.

1948

Participa do 2º Salão de Belas Artes do Município de Santo André.

As pinturas produzidas pelo artista ao longo desse ano marcam uma transição do expressionismo para a geometria.

1950

Trabalha como assistente de cenografia na Companhia Cinematográfica Vera Cruz, em São Bernardo do Campo.

1951

Participa do 1º Salão Paulista de Arte Moderna e da 1ª Bienal de São Paulo.

Casa-se com Helena, companheira que terá ao longo de sua vida.

1952

Participa da 26ª Bienal de Veneza e do 2º Salão Paulista de Arte Moderna, recebendo o 1º Prêmio Governador do Estado na seção de pintura.

Ao lado de Anatol Wladyslaw, Geraldo de Barros, Kazmer Féjer, Leopoldo Haar, Lothar Charoux e Waldemar Cordeiro, é um dos signatários do manifesto do grupo Ruptura, lançado no dia 9 de dezembro, por ocasião da exposição no Museu de Arte Moderna de São Paulo (MAM-SP).

1953

Participa da 2ª Bienal de São Paulo.

1954

Participa do 3º Salão Paulista de Arte Moderna, quando recebe o Prêmio Aquisição com a pintura *Vibração Ondular*.

1955

Participa da 3ª Bienal de São Paulo.

1956

Participa da 1ª Exposição Nacional de Arte Concreta - Artes Visuais/ Poesia, realizada no MAM-SP.



Hélio Oiticica, Ivan Serpa, Mary Vieira, Franz Weissmann, não identificado, Sacilotto, Oliveira Bastos, Aluísio Carvão, não identificado, Waldemar Cordeiro, Judith Lauand, Lygia Pape, Lygia Clark, Féjer, Charoux, Maurício Nogueira Lima e Fiaminghi, 1957

Com Waldemar Cordeiro, Féjer, Judith Lauand, Maurício Nogueira Lima e Fiaminghi, 1959



1957

Participa da mesma mostra de 1956, agora no Rio de Janeiro, da 4ª Bienal de São Paulo e da mostra Arte Moderno no Brasil, que é apresentada em Buenos Aires, Santiago, Rosario, Lima e em cidades europeias.

1959

Participa da mostra concretista Prêmio Leirner de Arte Contemporânea, realizada na Galeria de Arte das Folhas, em São Paulo, que vai até o ano seguinte, e da 5ª Bienal de São Paulo.

1960

Participa da Exposição de arte concreta Retrospectiva 1951-1959, no Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro (MAM-RJ).

Integra a mostra internacional de arte concreta organizada por Max Bill (Konkrete Kunst - 50 Jahre Entwicklung) no museu Helmhaus, em Zurique.

Da mesma exposição, participam os artistas Josef Albers, Hans Arp, Naum Gaba, Kandinsky, Paul Klee, Malevich, Theo van Doesburg, Vantongerloo, Vasarely, entre outros.

1961

Participa do 10º Salão Paulista de Arte Moderna, ocasião em que conquista o 1º Prêmio Governador do Estado na seção escultura. Como artista convidado, integra a 6ª Bienal de São Paulo com cinco esculturas em alumínio.

1963

Participa da criação da Associação de Artes Visuais Novas Tendências e da exposição inaugural da Galeria Novas Tendências, em São Paulo.

1965

Participa da 8ª Bienal de São Paulo com dois trabalhos engajados, tridimensionais, construídos com sucatas de produtos industriais de consumo de massa.

As circunstâncias econômicas, a situação política e os rumos da arte levam Sacilotto a interromper temporariamente sua produção artística.

1968

É homenageado com Sala Especial no 1º Salão de Arte Contemporânea de Santo André.



Montagem da Retrospectiva Expressões e Concreções no MAM-SP, 1980

Poesia concreta de Augusto de Campos, 1986



1974

Retoma sua produção artística no atelier de Santo André, com nova proposta pictórica, na qual os elementos adquirem mais movimento por meio de sucessivas rotações e progressões.

1975-77

Participa do 6º Salão Paulista de Arte Contemporânea, da mostra O Desenho Jovem nos Anos 40, na Pinacoteca do Estado de São Paulo, e do Projeto construtivo brasileiro na arte (1950-1962), realizado no MAM-RJ e na Pinacoteca de São Paulo.

1978

Participa da exposição América Latina - Geometria sensível, no MAM-Rio.

Viaja pela primeira vez a Europa, onde se hospeda no atelier de Kazmer Féjer por alguns meses, além de visitar exposições e museus.

1979

Participa da mostra O Desenho como Instrumento, promovida pela Cooperativa de Artistas Plásticos de São Paulo e apresentada na Pinacoteca do Estado de São Paulo, do Panorama da Arte Atual Brasileira, no MAM-SP, e da exposição Coleção

Theon Spanudis, no Museu de Arte Contemporânea da Universidade de São Paulo (MAC-USP).

1980

Realiza a mostra Retrospectiva Sacilotto - Expressões e Concreções, no MAM-SP, tendo 135 de suas obras, produzidas entre 1942 e 1980, apresentadas.

1982-83

Participa das exposições coletivas Geometrismo Expressivo, no Museu de Arte de São Paulo Assis Chateaubriand (MASP), e Panorama da Arte Atual Brasileira, no MAM-SP, e realiza mostra individual na Galeria Cosme Velho, em São Paulo.

A cor volta a protagonizar seus trabalhos.

1986

E mais uma vez prestigiado com Sala Especial, dessa vez no 4º Salão de Arte Contemporânea promovido pela Fundação Bienal de São Paulo. Na cidade, ganha exposição individual na Choice Galeria de Arte.

Augusto de Campos faz uma poesia concreta em homenagem a Sacilotto.

1987

Participa das coletivas Abstração Geométrica, no MAB/FAAP, em São Paulo; Entre Dois Séculos - Arte Brasileira do Século XX na Coleção Gilberto Chateaubriand, no MAM-RJ; e A Trama do Gosto, na Fundação Bienal de São Paulo.



Hércules Barsotti, Arcangelo Ianelli e Luiz Sacilotto nas escadarias da Igreja de Santa Maria Maior, Roma, 1991

1988

Exposição individual na Galeria Millan, em São Paulo.

1989

Recebe o Grande Prêmio da Crítica da Associação Paulista de Críticos de Arte (APCA).

1990-91

Participa da coletiva promovida pela galeria italiana La Seggiola, Sincronias, que aconteceu, no Brasil, no Museu de Arte de São Paulo e da Bahia e no Museu Nacional de Belas Artes no Rio de Janeiro; no exterior, a mostra passou por Salerno e Roma, na Itália.

1994

Participa da mostra Bienal Brasil - Século XX, na Fundação Bienal de São Paulo.

Sacilotto é vítima de um acidente vascular cerebral, que interrompe temporariamente sua produção artística.

1995-96

Participa da mostra Tendências Construtivas, realizada no MAC-USP, e da coletiva em homenagem aos quarenta anos da 1ª Exposição Nacional de Arte Concreta, na Casa das Rosas, em São Paulo. Inaugura exposição individual no Sylvio Nery Escritório de Arte, em São Paulo.

1997

Participa da 1ª Bienal de Artes Visuais do Mercosul, promovida pela Fundação Bienal de Artes Visuais do Mercosul, em Porto Alegre.

1998

Participa da mostra Arte Construtiva no Brasil: Coleção Adolpho Leirner, no MAM-SP.

2000

Além de continuar a realizar pinturas, Sacilotto começa a trabalhar com colagens de vinil adesivo, aplicadas sobre Duraplac, o que lhe permite retomar a temática dos círculos com fatias recortadas e rotações.

Recebe a Medalha do Mérito do Município de Santo André, e são instaladas duas grandes esculturas públicas de sua autoria na cidade. Realiza a exposição individual Luiz Sacilotto: Obra Gravada Completa, no Espaço das Artes da Unicid, em São Paulo.

É eleito Artista do Ano pela Associação Paulista de Críticos de Arte. A Associação Brasileira de Críticos de Arte outorga a Sacilotto prêmio pelo conjunto de sua obra.



Painel produzido por
Luiz Sacilotto para o Sesc
Santo André, 2001

Exposição em homenagem
ao artista em seu centenário
na Casa do Olhar, 2024

2001-02

Em maio de 2001, Sacilotto participa do lançamento do livro sobre sua obra, organizado por Enock Sacramento, na Dan Galeria, São Paulo. Participa de importantes exposições coletivas, entre elas: Brazil: Body and Soul, Guggenheim Museum, Nova York, Estados Unidos, e Bilbao, Espanha; Caminhos do Contemporâneo 1952-2002, Paço Imperial, Rio de Janeiro; Paralelos: Arte Brasileira da Segunda Metade do Século XX em Contexto, no MAM-SP e MAM-RJ; Da Antropofagia a Brasília: Brasil 1920-1950, Museu de Arte Brasileira (MAB/FAAP), São Paulo; Coleção Metrópolis de Arte Contemporânea, Pinacoteca do Estado de São Paulo.

Sacilotto executa projeto para painel no Sesc Santo André ao longo do ano de 2001. A obra é finalizada para a inauguração do edifício ao público em 9 de março de 2002.

2003

Em janeiro, Sacilotto é internado em São Paulo para a realização de uma cirurgia devido a problemas circulatórios. No início do mês seguinte, retorna a sua casa em Santo André, mas apresenta agravamento no quadro geral e é posteriormente internado em São Bernardo do Campo, cidade onde falece no dia 9 de fevereiro.

A Casa do Olhar passa a ser denominada Casa do Olhar Luiz Sacilotto em homenagem ao artista andreense, pioneiro da arte concreta e adepto do abstracionismo.

2021

Sacilotto - A Vibração da Cor, exposição individual realizada na galeria Almeida & Dale, com curadoria de Denise Mattar e Gabriel Pérez-Barreiro, lançou um olhar cuidadoso sobre a produção do artista, criando um contraponto ao distribuir no espaço da galeria tanto obras monocromáticas quanta trabalhos que contrastam cores e tonalidades.

Publicação do livro *Sacilotto*, o volume organizado pelos curadores da exposição perpassa toda a trajetória do artista e traz reproduções de 250 obras pertencentes a importantes acervos e coleções públicas e privadas.

2024

Sacilotto recebe homenagens e programação especial no ano de seu centenário, com organização da Casa do Olhar Luiz Sacilotto, Secretaria de Cultura de Santo André, IAC - Instituto de Arte Contemporânea, Almeida & Dale, Museu de Arte Contemporânea (MAC-USP) e Sesc.

Sacilotto no atelier em
Santo André, 2002
Família Sacilotto



Foto: Paulo Otavio

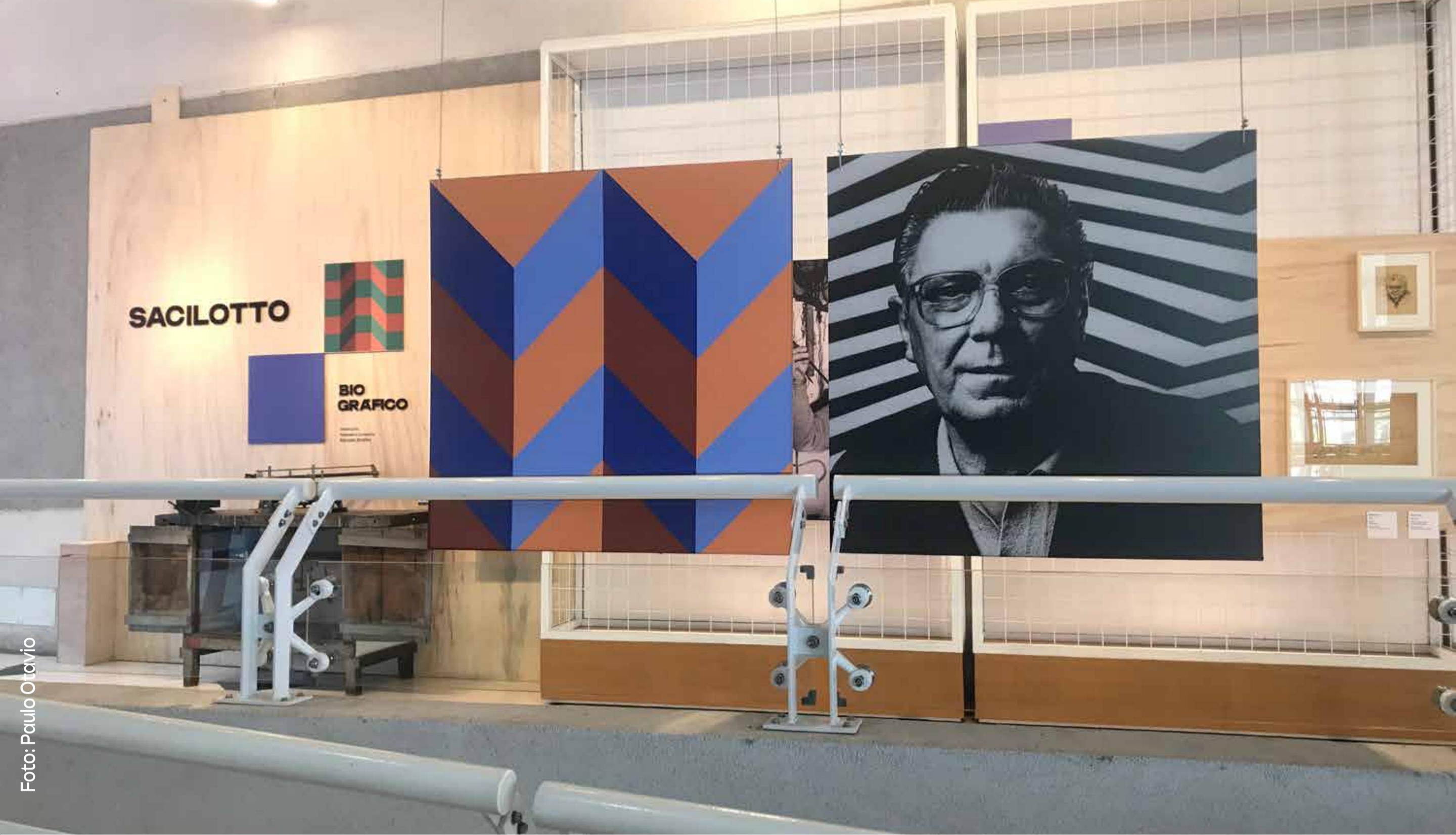


Foto: Paulo Otavio

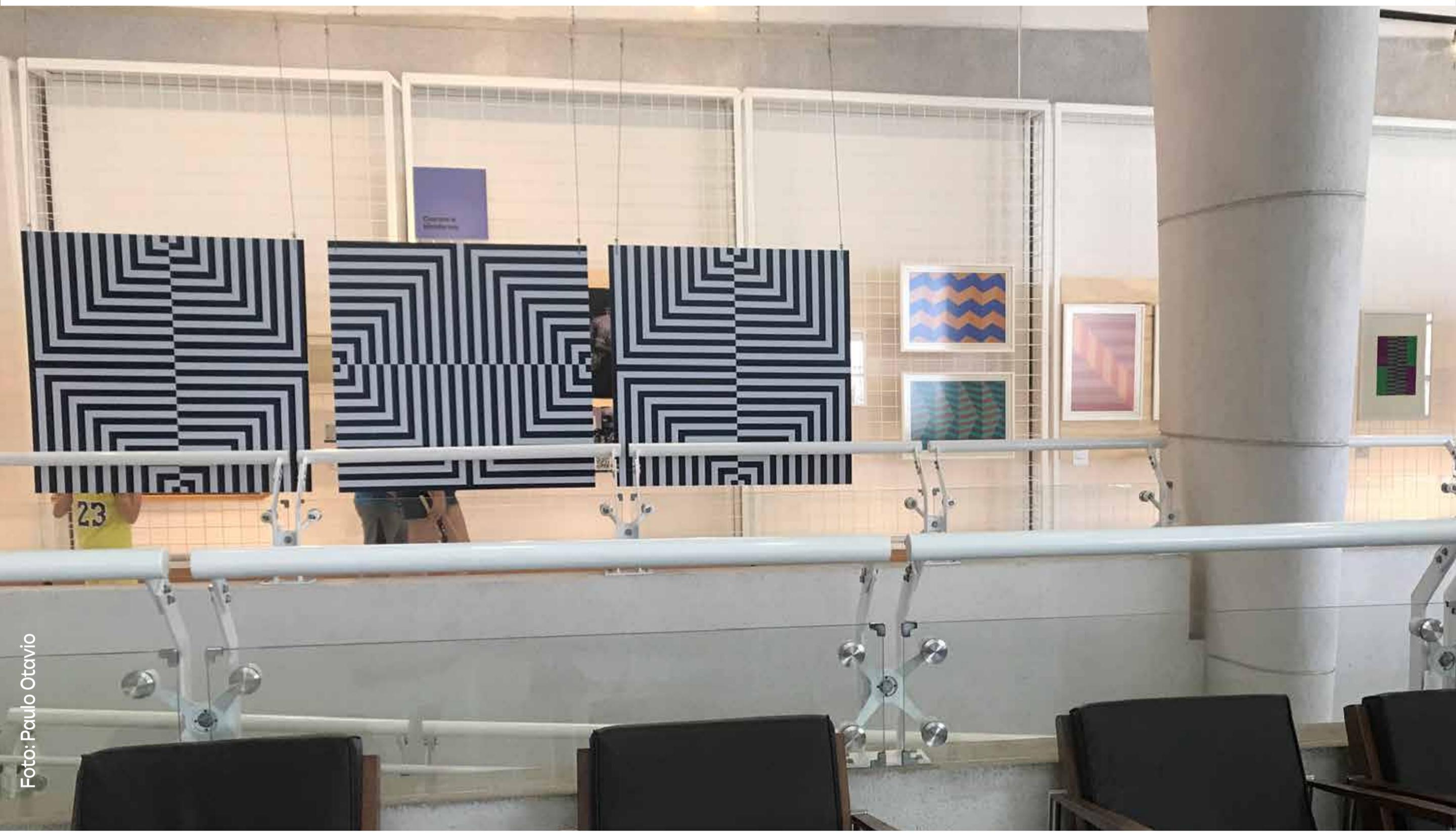
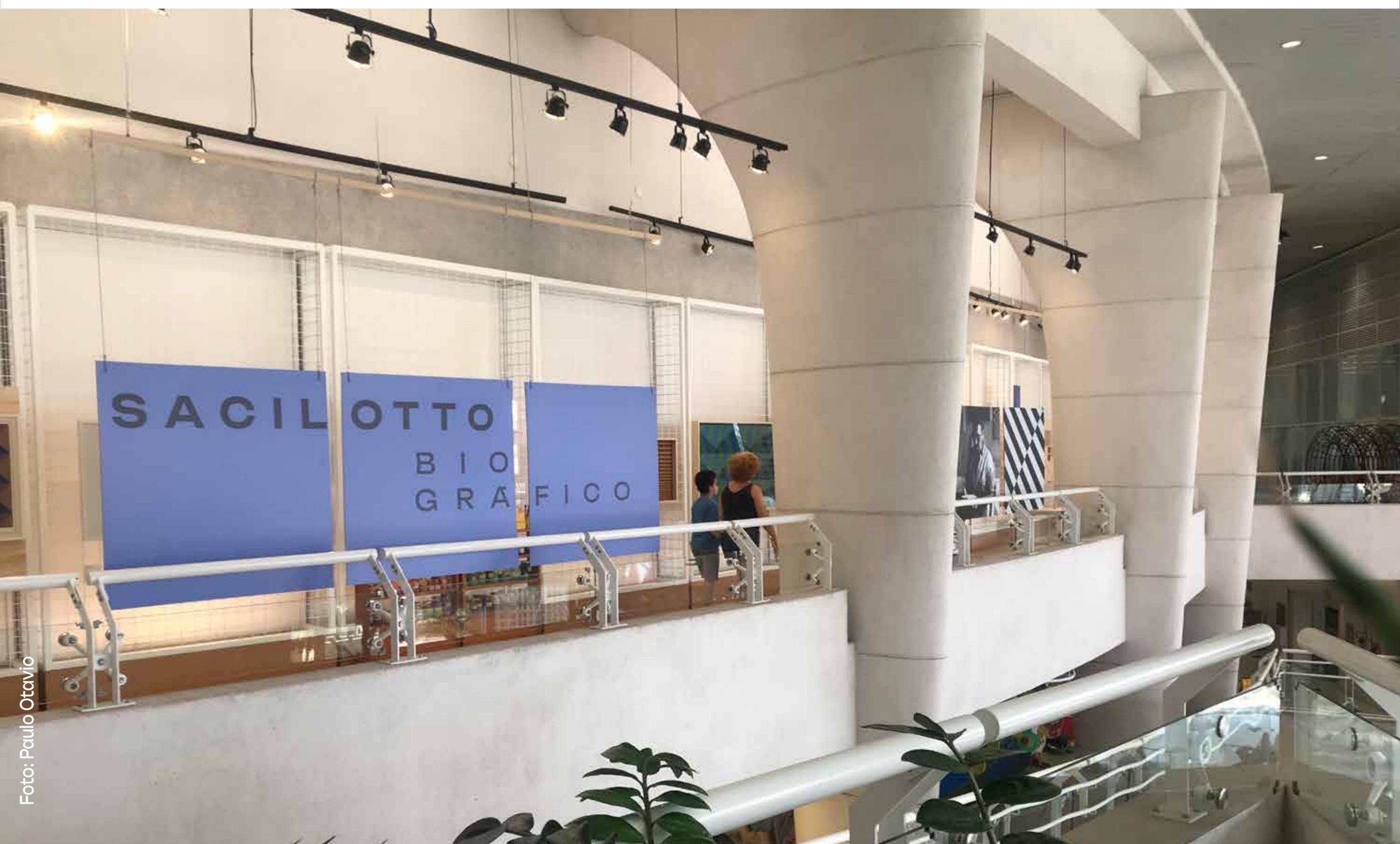


Foto: Paulo Otavio





SESC - SERVIÇO SOCIAL DO COMÉRCIO
Administração Regional
no Estado de São Paulo

Presidente do Conselho Regional
Abram Szajman
Diretor do Departamento Regional
Luiz Deoclecio Massaro Galina

Superintendentes
Técnico-Social
Rosana Paulo da Cunha
Comunicação Social
Ricardo Gentil
Administração
Jackson Andrade de Matos
Assessoria Técnica e de Planejamento
Marta Raquel Colabone
Assessoria Jurídica
Carla Bertucci Barbieri

Gerentes
Artes Visuais e Tecnologia Juliana Braga
de Mattos Estudos e Desenvolvimento
João Paulo Guadanucci
Educação para Sustentabilidade e Cidadania Denise de Souza Baena Segura
Artes Gráficas
Rogerio Ianelli
Difusão e Promoção
Ligia Moreira Moreli
Patrimônio e Serviços Adriana Mathias Sesc
Santo André Cristiane Ferrari

SACILOTTO
BIO
GRAFICO

Idealização, Pesquisa e Curadoria
Reinaldo Botelho

Assistente de Curadoria
Georgia Sharp

Equipe Sesc
Adriano Alves Pinto, Alcione Muzel, Aline Moreira da Silva Tafner, Cristiane Isidio, Diogo de Moraes Silva, Érica Martins Dias, Guilherme Luiz de Carvalho, Jefferson Alves Leite dos Santos, Karina Camargo Leal, Kevin Alexandre Marques, Laís Jesus, Luiz Felipe Santiago, Leonardo Nicoletti, Marcio Donizete, Marina Reis, Melina Izar Marson, Milena Prinholato, Nádia Almansa, Octávio Weber Neto, Rachel Amoroso, Sandro Piscitelli Vidigal, Silvan Oliveira, Silvia Hirao, Silvio Basílio, Simone Gomes Gonzalez

Equipe Técnica
Camila Rosa, Geisa Tanganeli

Produção
Cy Museum

Coordenação Executiva
Cynthia Taboada

Museografia
Tangram Museologia Educação e Cultura: Saulo di Tarso

Expografia
Cibele Furtado

Projeto Gráfico e Comunicação Visual
Paulo Otavio / POG Arte e Design

Assistente de Produção
Pedro Aurélio Begliomini, Loretto Carini Casaroti

Laudo de Conservação
R&M Conservação:
Thalita Noce,
Tainan Azimovas,
Rita Torquete

Montagem de Infraestrutura
Tangram Museologia Educação e Cultura

Cenotecnia
Askim Cenografia

Impressão Digital
Palazzo & Cremon Comunicação Visual

Impressão Fac-Símile
Oca Estúdio

Molduras
Syl Arte

Curadoria Educativa
Auana Diniz

Acessibilidade
Ktalise Assessoria e Tecnologias Ltda

Arte-Educadores
Bruno Coltro Ferrari, Camila Feltre, Caroline Ramos, Cauane Oliveira, Fabíola Martins, Julia Tavares, Mônica Augusto, Natália Tonda, Paola Ribeiro, Raquel dos Santos, Silvia Ruiz

Produção de Conteúdo Educativo
Auana Diniz, Caroline Ramos

Transporte
ArtQuality Embalagens Especiais e Transportes

Seguro
Howden Brasil Consultoria e Corretora de Seguros

Agradecimentos

Família Sacilotto
Secretaria da Cultura de Santo André
Galeria Almeida & Dale
Pinacoteca de Mauá
Pinacoteca de São Bernardo do Campo
Casa do Olhar Luiz Sacilotto
Hospital e Maternidade Brasil
Instituto de Arte Contemporânea
Museu de Arte Contemporânea da Universidade de São Paulo



Foto: Paulo Otavio

SACILOTTO BIO GRAFICO

CURADORIA
Reinaldo Botelho

exposição
16 / 01 — 27 / 07
ter a sex, 10h — 21h30
sáb, dom e feriados
10h — 18h30

Sesc Santo André
Rua Tamarutaca 302

 /sescsantoandre
sescsp.org.br/santoandre

parceria

PINACOTECA
DE SÃO BERNARDO DO CAMPO

CUL
TU
RA



PREFEITURA DE
SANTO ANDRÉ

realização

